

SĀMKHYA KĀRIKĀ
De Ishvara Krishna
Bhāshya de Gaudapāda

Saudações a Kápila, que movido pela compaixão em relação ao mundo que se afunda num oceano de ignorância, construiu um barco com o molde do Sāmkhya para atravessar esse oceano.

Para o bem dos estudantes, resumirei brevemente esta ciência, expondo provas, conclusões e razões.

Kariká I

Duḥkhatrayābhīhātāḥ, jijñāsā tadapābhīhātāke hetau drishte sâpârthâ cen, naikântātyantato abhāvāt.

Da aflição causada pelo sofrimento de natureza tríplice, surge o desejo de remover essa aflição. Deve então utilizar-se o método da inquirição para remover o sofrimento. E se disserem que este método é inútil por existirem outros remédios comuns (como a medicina, etc.), diremos que não, pois estes remédios não são certos nem finais, não são permanentes (atyanta) nem completos (ekanta).

O sofrimento tríplice, etc.

Este (āryā) homem nobre, dedicado e de elevada casta de nascimento é apresentado:

Kápila de nome, filho de Brahman.

É dito que “Sanaka, Sanandana, Sanātana o 3º, Ásuri, Kápila, Vodhu e Pancasikha -, estes 7 sábios são filhos de Brahman.”

Virtude, conhecimento, renúncia e poder nasceram com Kápila. Uma vez nascido, vendo este mundo afundar-se na escuridão ofuscante e na sucessão de samsáras (nascimento e morte), encheu-se de compaixão e ensinou este conhecimento sobre os 25 princípios ao Brahmin Ásuri, nascido na sua própria família, o conhecimento através do qual o sofrimento chega ao fim.

Munidos deste conhecimento sobre os 25 princípios, sem dúvida obteremos a liberdade (salvação), independentemente do estágio da vida em que estejamos – quer estejamos despenteados ou com a barba feita ou cheios de ímpeto. (analogia à idade)

Assim é dito:

Da aflição causada pelo sofrimento (duḥkhatraya) de natureza tríplice, surge o desejo de remover essa aflição. Deve então utilizar-se o método da inquirição. Os três tipos de sofrimento são internos (adhyatmika), externos ou devidos à natureza (adhybhautika) e celestiais (adhidaivika).

O sofrimento interno é dual – físico e mental. O sofrimento físico – febre, desinteria e o resto, é devido ao desequilíbrio de vayu, o vento, a bília ou o catarro. O sofrimento mental é o sentimento de separação em relação ao que apreciamos e o sentimento de identificação em relação ao que não se aprecia e ao resto.

O sofrimento externo, atribuído a 4 tipos de seres vivos, vivíparos, ovíparos, nascidos do suor e nascidos do solo, emerge no homem, animais, veados, pássaros, serpentes, mosquitos, piolhos, insectos, crocodilos, tubarões, objectos inertes e no resto.

O sofrimento celestial, pertence aos Deuses ou emerge nos céus – frio, calor, tempestades, chuvas, trovões.

Assim o método de inquirição sobre estas aflições deve ser levado a cabo para remoção do sofrimento. Inquirição sobre o quê?

Diz-se que uma vez que existem os remédios comuns como método de remoção destes sofrimentos, a inquirição torna-se inútil.

Ora, para remover o sofrimento de natureza interna, duplo, existem métodos de tratamento na medicina e na ciência: união com o agradável; exclusão do indesejável, decocções picantes, amargas e adstringentes e coisas do género – tratamentos evidentes.

No caso do sofrimento externo os meios evidentes para a sua remoção estão na forma de protecção e gosto, ou instinto.

Se pensam que a inquirição sobre os métodos é inútil na presença destes remédios ou métodos evidentes, dizemos que não pois estes métodos não são seguros nem absolutos, isto é não existe a garantia de que eliminam completa e definitivamente o sofrimento. Então a inquirição deve ser feita para apreender os métodos certos e definitivos para remoção do sofrimento.

Mas a inquirição não é apenas sobre os meios evidentes que se percebem racionalmente. Deve inquirir-se até chegar à revelação – Anushrava (escutado) – shruti.

Isto está provado nos Vedas:

“Bebemos o Soma, tornámo-nos imortais, alcançámos o céu e juntámo-nos aos Deuses. Assim, realmente, Ó Imortal, o que pode um inimigo fazer contra nós, como pode a idade avançada de um mortal afectar-nos?”

Uma vez houve uma discussão entre os Deuses, Indra e outros: Como nos tornámos imortais? Ponderando, concluíram que foi por terem bebido soma, que se tornaram imortais e entraram no reino da luz, receberam benesses, conviveram com os seres divinos. Mais se diz nos Vedas que o objectivo final é atingido matando animais em sacrifício. “Aquele que leva a cabo o “sacrifício do cavalo” conquista todas as regiões, ultrapassa a morte, o pecado e até os pecados decorrentes do assassinato de um Brahmin.” Mas ainda assim, quando os métodos certos e definitivos são revelados nos Vedas, ainda assim a inquirição é útil.

Kariká II

Drishtavad ānushravikah, sa hy avishuddhah kshayâtishayayuktah tadviparîtaḥ shreyân, vyaktāvyaktajñaviñânât.

Os métodos revelados nas escrituras (exemplo: os rituais sagrados, etc.) são como os remédios comuns. Caracterizam-se pela impureza, a destruição e o excesso; um método melhor, diferente, é o conhecimento, o discernimento entre o manifesto, o não manifesto e o conhecedor.

Porque é que estes métodos são como os remédios comuns? Porque estão ligados à impureza por via do sacrifício dos animais, deste excesso, desta destruição.

“De acordo com a prescrição do “sacrifício do cavalo”, 600 animais menos 3 são sacrificados ao meio dia”

Apesar do dharma ser prescrito pelas Shruti e Smrtis, por causa desta excepção, este método prescrito nas escrituras liga-se à impureza. “Em todas as eras centenas de Indras e Deuses foram superados pelo tempo. O tempo é por isso insuperável.” Este método prescrito, revelado, está ligado à destruição de Indra e outros, logo a um excesso em relação à sua superioridade. Ao sentir superioridade no outro, sente-se dor em si mesmo.

Por isso estes métodos revelados são iguais aos remédios comuns. Mas se formos questionados sobre o melhor método, responderemos que não é melhor nem um nem o outro. O método certo é aquele que não têm intrínsecas, a impureza, a destruição e a inadequação. Então como se aplica esse método?

Através da cognição, do discernimento entre o manifesto, o não manifesto e o conhecedor. O manifesto é Mahat e o resto: o intelecto, o ego, os 5 elementos subtis, os 11 órgãos e os 5 elementos grosseiros. O não manifesto é Pradhana (múlaprakriti). O conhecedor é Purusha. Estes 25 princípios são chamados o Manifesto, o não manifesto e o conhecedor. No discernimento destes princípios reside a preferência sobre o método da percepção directa e da revelação.

Então quais são as características do Manifesto, do não manifesto e do conhecedor?

Kariká III

Mûlaprakritir avikritir, mahadâdyâh prakritivikritayah sapta shodashakas tu vikâro, na prakritir na vikritih purushah.

Mûla Prakrti não é uma modificação. As modificações de Prakriti são 7, Mahat, etc., que são criadoras e criadas. O grupo de 16 são produzidas ou criadas. Purusha não é criado nem criador.

Pradhâna, natureza primordial, chama-se assim porque é a origem do grupo dos 7 criadores e criados. Porque é a origem, não é um produto de nada pois não é produzida a partir de nada.

No grupo dos 7 criados e criadores, Mahat é o intelecto e é produzido a partir de Prakriti por isso é um produto de Prakriti e criador pois cria Ahamkāra, o ego. O ego, por sua vez é criado e criador. É um produto e uma origem, a origem dos 5 elementos subtis. O elemento subtil do som tendo sido criado por ahamkāra, produz o elemento ether. O elemento subtil do tacto tendo sido criado por ahamkāra, produz o elemento ar. O elemento subtil do cheiro, tendo sido produzido pelo ego, cria ou produz o elemento terra. O elemento subtil da visão tendo sido produzido pelo ego, produz o elemento fogo. O elemento subtil do sabor, tendo sido criado pelo ego, cria o elemento água. Assim, Buddhi e Mahat, etc., o grupo dos 7 são criados e criadores. O grupo dos 16 é um produto. Os 5 órgãos dos sentidos e os 5 órgãos de acção, a mente e os 5 elementos grosseiros são apenas um produto. Purusha não é uma coisa nem a outra.

Por que meios e quantos são os meios de cognição destas 3 categorias chamadas de manifesto, não manifesto e conhecedor? Neste mundo, aquilo que é conhecível pode ser provado, como por exemplo, o arroz pode ser percebido pela visão e pelo tacto e o sândalo pelo (aroma) equilíbrio. Então o meio de cognição deve ser definido.

Kariká IV

Drishtam anumânam âptavacanam ca sarvapramânasiddhatvât trividham pramânam ishtam, prameyasiddhih pramânâd dhi.

Percepção ou experiência directa, inferência e discurso fiável são o meio de conhecimento triplo (pramâna) definido nestes 3 métodos. Assim tudo é provado através de um destes métodos.

Percepção. O ouvido, a pele, o olho, a língua e o nariz são os 5 órgãos dos sentidos. Som, tacto, visão, sabor e cheiro são respectivamente os 5 objectos dos sentidos. O ouvido compreende o som; a pele, o tacto; a língua o sabor e o nariz o cheiro. Estes meios de cognição são chamados de percepção directa. Um objecto que não pode ser percebido por percepção directa ou inferência é percebido através de um testemunho fiável. Por exemplo, a existência de Indra, o Rei dos Deuses; os Kurus do Norte, as ninfas no céu, etc.. Aquilo que não é percebido directamente ou por inferência é conhecido por testemunho fiável. Mais é dito: As escrituras são testemunhos fiáveis. Uma pessoa é considerada válida quando está livre de mentiras pois não existe ocasião para tal.

Aquele que está envolvido nos seus deveres é livre de apego ou aversão e é sempre respeitado por pessoas como ele – Uma pessoa assim é um testemunho fiável.

Todos os outros meios de percepção estão incluídos nestas classes. Jaimini diz: existem 6 meios de cognição. Então quais são estes meios? Presunção, probabilidade, negação, imaginação, tradição e analogia ou lógica são os 6 meios correctos de cognição. A presunção é de 2 espécies, vista e ouvida. Vista, por exemplo se a existência da alma é aceite num caso então também é aceite noutros casos. Ouvida, por exemplo Devadatta não come durante o dia e no entanto parece forte. Então presume-se que come à noite.

A probabilidade, por exemplo é quando alguém dá uma medida aproximada, descrevendo assim a realidade.

A negação é de natureza antecedente, mútua, total e consequente, e implica um conhecimento anterior ou uma ideia aproximada que formará uma realidade consequente. Uma negação antecedente é como a de uma Devadatta na infância e na adolescência. Uma negação mútua como a de um recipiente num pano. Uma negação total como os cornos num homem, ou o filho de uma mulher estéril, ou uma flor no céu.

Uma negação consequente é devida a destruição, como um pedaço de pano queimado.

Como consequência de ver grãos secos, a negação da chuva é percebida. Assim a negação é de várias naturezas. Imaginação, como:

“O país situado a sul de Vindhya e a norte de Sahya, que se estende até ao mar, é lindo” – ouvindo isto a imaginação emerge e conseguimos ver as qualidades deste país. A imaginação é uma cognição subsquente (uma expressão, uma elocução).

A tradição, - como dizem as pessoas que uma Yaksini (como uma fada que cuida dos seres) reside numa figueira.

Analogia, uma gavaya (animal selvagem, talvez um búfalo) é como uma vaca. Um tanque é como um mar ou um oceano.

Estes 6 meios de cognição são compreendidos por percepção e pelo resto. A presunção é compreendida por inferência. Probabilidade, negação, imaginação, tradição e analogia ou lógica são compreendidas pelo testemunho válido ou fiável.

Assim, todos os outros meios de cognição correcta, sendo provados, são incluídos nestes 3 (percepção directa, inferência ou testemunho fiável), e a partir deles outros meios podem ser estabelecidos.

Porque os prováveis são provados por meios de conhecimento correcto. As coisas a serem provadas: prakriti, a natureza, intelecto, o ego, os 5 elementos subtis, os 11 órgãos, os 5 elementos grosseiros e o espírito. Estas 25 qualidades são chamadas de o manifesto, o não manifesto e o conhecedor. Destas algumas são para ser conhecidas através da percepção directa, outras por inferência e outras por testemunho válido. Estes são os três meios de conhecimento correcto.

Agora as definições de cada um são dadas:

Kariká V

Prativishayâdhyavasâyo, drishtam tridvidham anumânâ âkhyâtam ta lingalingipûrvakam, âptashrutir âptavacanam tu.

A percepção é o discernimento selectivo de objectos particulares; a inferência é de 3 tipos e baseia-se num sinal, numa característica e no objecto caracterizado por este sinal (lingam). A revelação e o testemunho baseia-se no conhecimento transmitido professores ou mestres divinos e revelações.

Observação ou percepção é a aplicação dos sentidos - ouvido e os outros – aos objectos especiais, som e outros.

Diz-se que a inferência é de 3 tipos:

À priori, à posteriori, por lógica ou analogia comum. Aquilo que tem um antecedente é considerado à priori, por exemplo uma pessoa infere chuva avistando uma nuvem elevando-se no céu. À posteriori, por exemplo quando se comprova que um pedaço da água do oceano é salgada, infere-se que todo o oceano também é salgado. Pela lógica comum, por exemplo quando a lua e as estrelas são observadas em lugares diferentes movendo-se de um lugar para outro, inferimos que têm locomoção. No caso da primeira lua cheia de cada ano, inferimos que nesta data um ciclo de movimento se reinicia. Tal como quando observamos uma determinada parte de uma mangueira florir, depreendemos que outras partes também estão neste processo. Isto é lógica.

Além disso, a inferência é precedida de linga e lingin, meio termo e maior termo. Um termo ou um acontecimento maior é inferido através de um intermédio ou menor. Por exemplo o possuidor de uma bengala ou de um bastão é considerado um pedinte. Ao contrário também se pode inferir, por exemplo vendo um mendigo, depreende-se que a bengala ou o bastão é seu (através de um acontecimento maior infere-se um menor).

E o testemunho válido abrange os professores iluminados e a revelação. Os professores iluminados e os Vedas são chamados de Apta Sruti – Testemunho válido.

Assim, 3 espécies de meios de cognição correcta foram definidos. Agora explicamos o que é provado por cada um destes meios de cognição correcta.

Kariká VI

Sâmânyatas tu drishtâd, atîndriyânâm prasiddhir anumânât tasmâd api câsiddham, paroaksham âptâgamât sâdhyam.

O meio para conhecer as coisas que estão além dos sentidos é a inferência lógica (analogia). O que não pode ser provado através desta inferência lógica é provado pelo testemunho válido ou fidedigno.

Os objectos cuja percepção está para além dos sentidos, são revelados através da inferência baseada na lógica ou analogia. A Natureza e o espírito, que estão para além da percepção dos sentidos são comprovados através da inferência baseada na lógica ou analogia. Por isso o lingin ou o acontecimento ou fenómeno intermédio, Mahat e o resto têm 3 atributos. A Natureza é a matéria-prima de Mahat e do resto e os seus 3 atributos são efeitos ou seja características. Mas, porque a Natureza inconsciente parece ser consciente, deve existir uma entidade superior que governa esta Natureza, um espírito consciente. O manifesto é provado pela percepção.

Aquilo que não pode ser provado por inferência e não pode ser directamente percebido é provado por testemunho válido. Por exemplo, Indra, o rei dos Deuses; os Kurus do norte, as ninfas no céu – tudo isto que é imperceptível é provado pelo testemunho válido.

Alguém disse: A Natureza e o espírito não são perceptíveis. Então aquilo que não é percebido neste mundo não existe. Assim, a Natureza e o espírito não existem, por exemplo, a 2ª cabeça ou o 3º braço de um homem não existem. Então replica-se: A não percepção destes objectos neste mundo tem 8 causas:

Kariká VII

Atidûrât sâmîpyâd, indriyaghâtân manoanavasthânât saukshmyâd vyavadhânâd abhibhavât samânâbhîhârâc ca.

A não percepção de algo, mesmo dos objectos existentes, tem as seguintes causas:

- Excessiva distância
- Excessiva proximidade
- Anomalia dos sentidos
- Desatenção da mente
- Subtileza
- Interferência ou obstrução
- Supressão
- Mistura com outros objectos similares

Excessiva distância, por exemplo, Caitra, Maitra e Vishnumitra habitarem em sítios diferentes e distantes;

Excessiva proximidade, por exemplo, o olho não vê o colírio em sí;

Anomalia ou doença dos sentidos, por exemplo, surdos e cegos não apreendem o som e a cor, respectivamente;

Desatenção da mente, por exemplo, um homem distraído não ouve nada, mesmo que aquilo que tenha sido dito esteja correcto;

Subtileza, por exemplo, átomos no fumo ou no calor, água e gelo no céu;

Interferência ou obstrução, por exemplo, uma parede que obstrui o campo de visão;

Supressão, por exemplo, os planetas, asteróides e estrelas são suprimidos da percepção pela luz do sol;

Mistura com objectos similares, por exemplo, um feijão num monte deles, ou um Lotus num aglomerado deles, ou um pinguim num grupo de pinguins.

Assim, alguns objectos não são percebidos neste mundo por causa destas razões.

Deste modo, aquilo que é apurado ou inferido não existe para a percepção. Agora explicamos porque é que não existe apreensão da Natureza e do espírito e como podem ser apreendidos.

Kariká VIII

Saukshmyât tadanupalabdhir, nâbhâvât kâryatas tadupalabdheḥ mahadâdi tac ca kâryam, prakritivirûpam sarûpam ca.

A não percepção de Prakriti deve-se à sua subtileza, não à sua inexistência. Percebe-se Prakriti pelos seus efeitos; mahat, etc., são os seus efeitos, primordialmente similares e depois diferentes de Prakriti.

A sua não apreensão deve-se à sua subtileza, assim como não conseguimos apreender os átomos no fumo ou no calor, ou a água e o gelo no céu. Então como podem estes ser apreendidos?

Deve ser apreendida através dos seus efeitos ou das suas variações. Uma causa é inferida pela observação do seu efeito. A Natureza é a causa e os seus efeitos são estes: Intelecto, ego, os 5 elementos subtis, os 5 órgãos dos sentidos e os 5 elementos grosseiros. Estes efeitos são variações da Natureza, são dissimilares e ao mesmo tempo similares. Até um filho é ao mesmo tempo similar e dissimilar do seu pai. As causas disto explicaremos mais tarde.

Como alguns professores discordam deste ponto de vista, surge a seguinte questão:

São todos estes efeitos, mahat e o resto, já existentes na sua causa / Natureza ou não?. Porque nesta escola do Sámkhya, o efeito existe na causa. Para os budhistas e o resto o efeito não existe ainda na causa. Isto é uma contradição.

Então é afirmado:

Kariká IX

Asadakaraṇād upādānagrahaṇāt sarvasambhavābhāvāt shaktasya shakyakaraṇāt, kāraṇabhāvāt ca satkāryam.

O efeito já pré-existe na causa:

- **Porque a não existência não pode ser produzida**
- **Porque necessita-se de uma causa material, pois as coisas não podem ser produzidas a partir de nada**
- **Pela impossibilidade de que tudo preceda de nada**
- **Porque uma causa só pode produzir variantes de si**
- **Pela própria natureza/constituição das coisas que existem, que é similar e dissimilar, variações da causa.**

Como a não existência não pode ser produzida, a não existência não existe. Como não pode haver produção de não existência, então um efeito existe previamente na sua causa. No nosso mundo não observamos a produção de um objecto não existente, tal como o óleo não pode ser produzido a partir da areia, concluindo neste exemplo que o óleo é não existente. Assim, só um objecto já existente pode ser produzido, o manifesto existe antes da sua produção na Natureza.

Uma vez que neste mundo o indivíduo selecciona a causa material do que deseja, o efeito está apegado ou inerente à causa. Aquele que deseja o coalho, escolhe o leite e não a água. Por isso o efeito já existe na causa.

Ainda, os objectos não podem ser produzidos a partir de qualquer coisa. Por exemplo o ouro não é produzido a partir da prata, da erva, do pó ou da areia. Assim, o efeito existe porque todos os fenómenos não podem ser produzidos a partir de nada, mas sim de uma causa específica.

E ainda, uma potencialidade da Natureza produz aquilo que lhe está inerente. Verificamos que apenas uma potencialidade, como um oleiro, ou os meios como a terra, a roda de oleiro, ou uma teia de fios, ou a água, etc. pode produzir da terra um pote que é caracterizado por ser uma produção, ser produzido. Por isso o efeito existe. E ainda, o efeito é da mesma natureza que a causa. Por exemplo, a cevada é produzida pela semente da cevada e o arroz pela semente do arroz. Se o efeito em potencialidade já não existisse, então o arroz não poderia ser produzido pela pequena semente ou pelo pequeno grão. Assim, entende-se que o efeito já está contido na causa.

Existem 5 causas que provam a existência desta convergência ou desta sobreposição, Mahat e o resto na natureza. Assim, se prova que apenas o que já existe é produzido.

Agora ele explica a semelhança e a diferença de Mahat e do resto, com a Natureza:

Kariká X

Hetumad anityam avyāpi sakriyam anekam āshritam lingam sāvayavam paratantram, vyaktam viparītam avyaktam.

O manifesto é causado, impermanente, não onnipresente, activo, de muitas formas, fundido, característico, composto, dependente; o não manifesto é o contrário.

O manifesto, o efeito como Mahat e o resto são causados ou produzidos. “Hetumat” é o efeito específico que tem em si a causa. Hupadana, Hetu, Karana e Nimitta são sinónimos. O manifesto tem a natureza da sua causa pelo que tudo o que é manifesto, até aos 5 elementos grosseiros é produzido. O princípio do intelecto é produzido pela natureza. O princípio do ego é produzido pelo intelecto. Os 5 elementos subtis e os 11 órgãos (sentidos e acção) são produzidos pelo ego. O céu é produzido pelo elemento subtil do som, o vento é produzido pelo elemento subtil do tacto, o calor ou o brilho é produzido pelo elemento subtil da cor, a água é produzida pelo elemento subtil do sabor, a terra pelo elemento subtil do cheiro.

Tudo isto é efémero, porque é produzido a partir de outro. Por exemplo, uma jarra não é eterna porque é produzida a partir de um pedaço de barro. O manifesto não é onnipresente ou seja não está em todo o lado como está a natureza e o espírito. O manifesto é activo porque migra no momento da sua criação, migra com o seu corpo subtil dotado de 13 instrumentos. Tem muitas formas, ego, 5 elementos subtis, 5 órgãos dos sentidos e os 5 elementos grosseiros. É dependente da sua causa; o intelecto depende da natureza, o ego depende do intelecto, os 11 órgãos e os 5 elementos subtis dependem do ego, e os 5 elementos grosseiros dependem dos 5 elementos subtis. É convergente, ou seja dotado da característica de convergir de novo para a causa. No momento da dissolução os 5 elementos grosseiros convergem ou diluem-se nos 5 elementos subtis; o mais recente juntamente com os 11 órgãos diluem-se no ego e o ego no intelecto e o intelecto na prakriti (mãe de todas as causas).

O manifesto é feito de partes; som, tacto, sabor, cor e cheiro são as partes, doadas ao manifesto.

Não é independente. O intelecto está subordinado à natureza, o ego está subordinado ao intelecto, os 5 elementos subtis e os 11 órgãos estão subordinados ao ego e os 5 elementos grosseiros estão subordinados aos 5 elementos subtis. Assim, o manifesto que é dependente de outro sempre.

Agora será descrito o não manifesto que é o contrário:

O manifesto foi descrito como produzido. Não existe nada maior que a natureza e como a natureza é não produzida também o não manifesto é não causado. Semelhante raciocínio, o manifesto é efémero, o não manifesto é eterno porque não é produzido. Não é produzido a partir de nada, como os elementos grosseiros. Por isso é eterno. Por outro lado o manifesto não está em todo o lado, o não manifesto é onnipresente.

O manifesto é activo, o não manifesto, por causa da sua onnipresença está inactivo, adormecido. O manifesto tem muitas formas. O não manifesto é uno porque é a causa dos 3 mundos, por isso a natureza é una.

O manifesto é dependente, o não manifesto é um não efeito e por isso independente. Não existe nada de que a natureza possa ser um efeito.

O manifesto é convergente ou diluível, o não manifesto é ele próprio a dissolução, sendo eterno. O convergente, mahat, etc. convergem ou diluem-se uns nos outros no momento da dissolução, mas a natureza não.

O manifesto é conjunto, feito de partes, som, tacto, sabor, visão e cheiro não existem em prakriti. O manifesto está subordinado enquanto o não manifesto é senhor de si mesmo.

Então foi descrita a diferença entre manifesto e não manifesto. Agora descreve-se a semelhança pois foi dito que o produto de prakriti é semelhante à prakriti.

Kariká XI

Trigunam aviveki vishayah, sâmanyam acetanam prasavadharmi vyaktam tathâ pradhânam, tadviparîtas tathâ ca pumân.

O manifesto composto dos seus 3 atributos, não discriminado, objectivo, geral, não inteligente e produtor. Também prakriti é assim. O espírito é isto e o oposto disto.

O manifesto é composto de 3 atributos – sattva, rajás e tamas.

É não discriminado, isto é, desprovido de discriminação. Não é possível distinguir entre os 2 (objecto e a natureza), não é possível dizer este é o manifesto e estes são os seus atributos, como se pode dizer por exemplo no caso do manifesto – isto é um touro e isto é um cavalo.

O manifesto é objectivo, um objecto perceptível, de gozo para todos os espíritos.

O manifesto é geral porque é comum a todos os espíritos, como uma “mulher da vida”.

O manifesto é não inteligente, não é consciente do prazer, dor, da ilusão.

O manifesto é produtor. Por exemplo do intelecto é produzido o ego. Do ego são produzidos os 5 elementos subtis e os 11 órgãos. Dos 5 elementos subtis são produzidos os 5 elementos grosseiros.

Foram descritas as características do manifesto, a terminar na capacidade de produção.

O não manifesto é semelhante nestas características:

O não manifesto é também prakriti. Também composto dos 3 atributos contidos no manifesto. Neste mundo o efeito tem a mesma essência da causa – um pedaço de pano, tecido de um fio preto será preto.

Como o manifesto é não separado, também o não manifesto é não separado dos seus 3 atributos. A natureza são os seus atributos. Então é não discriminada.

O manifesto é objectivo e também o não manifesto porque é um objecto de gozo para todos os espíritos.

O manifesto é geral e também prakriti que é comum a tudo.

O manifesto é não inteligente, também a natureza não é consciente da dor, prazer ou ilusão. Como é que inferimos isto? Observamos que de um pedaço de barro não inteligente se faz um jarro não inteligente.

Foi assim descrita Prakriti. Agora explica-se o espírito ou Purusha, que é o reverso e o mesmo disto. Purusha é o reverso do manifesto e do não manifesto, vejamos:

Ambos são infundidos dos 3 atributos (sattva, rajás e tamas), Purusha é sem atributos.

Ambos não podem ser discriminados, Purusha é discriminador.

Ambos são objectivos, Purusha é não objectivo.

Ambos são gerais, Purusha é não geral.

Ambos são não inteligentes, Purusha é consciente do prazer, dor e ilusão, é conhecedor, logo é inteligente.

Ambos são produtores, Purusha é não produtor. Nada é produzido a partir de Purusha, por isso se diz que Purusha é o reverso do manifesto e do não manifesto.

Para demonstrar que Purusha é semelhante dizemos que se a natureza não é produzida, também Purusha.

Foi dito que:

O manifesto é produzido, efémero e por aí adiante, o não manifesto é o inverso. Também Purusha é o inverso.

O manifesto é produzido, efémero, não omnipresente, dependente, dissolúvel ou diluível ou convergente, conjunto (feito de partes), o não manifesto é não produzido, eterno, omnipresente, independente, não diluível ou não convergente, não conjunto (não existem partes na forma do som e do resto). Purusha também é não produzido, eterno, omnipresente, não convergente, indivisível. Também Purusha é não subordinado, como o não manifesto. Foi então explicada a semelhança entre Purusha e o não manifesto. Foi também explicada a semelhança entre o manifesto com a Natureza e a diferença com Purusha.

Kariká XII

Prîtyaprîtivishâdâtmakâh prakâshapravrittirniyamârthâh anyoanyâbhibhavâshraya,
jananamithunavrittayash ca gunâh.

Os atributos (Guna) têm a natureza do prazer, dor e ilusão. Servem para manifestar, colocar em actividade e limitar. Eles sucessivamente dominam, suportam, activam e interagem mutuamente.

Os atributos, Sattva, Rajas e Tamas, Têm a natureza do prazer, dor e ilusão. Sattva tem a natureza de *prîty*. Prîty é prazer: tem esta natureza. Rajas tem a natureza de *aprîti*. Aprîti é dor. Tamas tem a natureza de *vishâdâ*. Vishâdâ é ilusão (também é veneno).

Ainda – Eles mutuamente se dominam, suportam, activam e interagem.

Mutuamente dominam - eles mutuamente se manifestam com as características do prazer, dor, etc. Isto significa que quando sattva é predominante, isto acontece porque domina rajas e tamas e as suas características, exibindo-se com as características do prazer e iluminação. Quando rajas predomina é porque domina sobre sattva e tamas manifestando as suas características de dor e actividade. Quando tamas predomina é porque domina sattva e rajas manifestando as suas características de ilusão e imobilidade.

E os Guna suportam-se mutuamente como um binário.

São mutuamente activas como um pouco de barro produz um jarro.

E interagem mutuamente como marido e mulher. Assim são os atributos.

Diz-se também: “A consorte de sattva é rajas. A consorte de rajas e sattva é tamas” (*Devibhâgavata*, III, 8). Isto é, ajudam-se mutuamente. E mutuamente existem. Isto é, eles co-existem, de acordo com o texto “Os atributos existem nos atributos” (*Bhagavad Gitâ*, III, 28). Assim como uma mulher bonita e virtuosa é fonte de prazer para todos, mas a mesma mulher é uma fonte de dor para as suas co-esposas e a mesma mulher produz ilusão nos apaixonados. Da mesma forma Sattva é a fonte da existência de rajas e tamas. Assim como um rei se prontifica a proteger os seus súbditos e a punir os perversos produz prazer nos bons e dor nos preversos. Da mesma forma rajas é a fonte da existência de sattva e tamas. Da mesma forma tamas é a fonte da existência de sattva e rajas através da sua própria natureza de encobrir as coisas. Por exemplo as nuvens, encobrindo o céu, produzem prazer no mundo, incentivando os agricultores à actividade através da chuva e produz ilusão nos noivos separados. Por isso os atributos interagem mutuamente.

Kariká XIII

Sattvam laghu prakâsham, ishtam upashtambhakam calam ca rajah guru varanakam eva tamah,
pradîpavac cârthato vrittih.

Sattva considera-se ser leve e brilhante, Rajas excitante e móvel e Tamas é somente pesado e ocultador. Como uma lâmpada, a sua função tem uma finalidade.

Sattva é leve e brilhante. Quando sattva predomina então os membros tornam-se leves, o intelecto torna-se brilhante e os órgãos puros.

Rajas é excitante e móvel. *Upashtambhaka* é aquilo que excita ou estimula. Assim como um touro se excita muitíssimo vendo outro touro, assim é a natureza de rajas. E observa-se que rajas é móvel. Um homem com a natureza de rajas tem a mente caprichosa.

Tamas é somente pesado e ocultador. Quando tamas predomina então os membros tornam-se pesados e os órgãos preguiçosos, incapazes de apreender os seus objectos.

Aqui podemos perguntar-nos - Como é que os atributos com características opostas produzem um efeito comum, embora agindo de acordo com as suas intenções individuais? Resposta - Como uma lâmpada, a sua função tem uma finalidade. *Pradîpavat* significa como uma lâmpada. A sua função considera-se ser obter um fim comum. Assim como uma lâmpada composta de óleo, fogo e do

pavio, que são opostos entre si, ilumina os objectos, Também sattva, rajas e tamas embora opostos entre si, produzem um efeito.

Outra questão se levanta aqui – Explicou-se que a natureza e o manifesto era composta por três atributos, indiscriminada e objectiva. Como é que se sabe que a natureza e o manifestado, Mahat, etc., são compostos de três atributos e etc. Isto é respondido.

Kariká XIV

Avivekyâdi hi siddham, traigunyât tadviparyayebhâvât kâranagunâtmakatvât, kâryasyâvyaktam api siddham.

As qualidades de não discriminação e as outras (resto das características do manifesto) provam-se (existir no manifesto) pela possessão dos três atributos (guna) e pela ausência do seu reverso. O imanifesto também se prova existir pelo efeito ter a mesma natureza da causa.

As qualidades de não discriminação e as outras existem em mahat e no resto porque elas têm a mesma natureza dos três atributos. Mas elas (isto é as características) não se provam existir no imanifesto. Por isso diz-se – pela ausência do seu reverso – assim o imanifesto é provado. Por exemplo onde houver fio há tecido. O fio e o tecido não são coisas diferentes. Porque? Porque há ausência do seu reverso. Assim estabelece-se uma relação (sambandha) entre o manifesto e o imanifesto. O imanifesto está longe mas o manifesto está há mão de semear. Assim, aquele que vê o manifesto vê também o imanifesto. Porque há ausência do seu reverso.

Assim também se prova o imanifesto - pelo efeito ter a mesma natureza da causa. Vemos neste mundo que qualquer que seja a essência de uma causa, é a mesma do efeito. Do fio preto só pode ser produzido um tecido preto. Assim, o emergente Mahat e o resto são não discriminados, objectivos, comuns, não inteligentes e produtivos. Portanto, qualquer que seja a essência do emergente, o imanifesto também possui a mesma natureza.

“por causa da possessão dos três atributos, a não discriminação e os outros provam-se existir no manifesto. Pela ausência do seu reverso e pelo efeito ter a mesma natureza da causa, também se prova o imanifesto”. Isto é falso – Porque, tudo aquilo que não apreendemos neste mundo não existe. A isto replicamos. Não digam isso porque não podemos apreender o cheiro nas pedras e etc., embora esteja lá. Similarmente a natureza também existe mas não é apreendida.

Kariká XV

Bhedânâm parimânât, samanvayâc caktitah pravrittesh ca kâranakâryavibhângâd, avibhângâd vaishvarûpyasya.

(A causa imanifesta (aviakta) existe), porque:

- 1. Os objectos específicos são finitos***
- 2. Por causa da sequência natural (homogeneidade no mundo finito)***
- 3. Porque da actividade depende a eficiência***
- 4. Por causa da distinção entre causa e efeito***
- 5. Por causa da fusão deste universo.***

(A causa imanifesta (aviakta) existe) – Esta é a relação entre o predicado e o sujeito na sentença.

Por causa da finitude dos objectos específicos – Neste mundo, onde quer que encontremos um agente, encontramos a sua finitude. Por exemplo, um artesão faz apenas olaria finita de barro finito. Assim também faz Mahat. O mahat uniforme e os outros são finitos e são os efeitos específicos da

natureza. O intelecto é um, o Ego é um, os elementos subtis são cinco, os órgãos são onze e os elementos grosseiros são cinco. Assim, por causa da finitude dos objectos específicos, há a natureza como a causa que produz o manifesto finito. Se não houvesse natureza então mesmo este manifesto seria infinito. Portanto, por causa da finitude dos objectos específicos, existe a natureza, de onde este manifesto se desenvolveu.

Por causa da sequência natural (homogeneidade no mundo finito) – Isto também é bem conhecido neste mundo, que quando vemos um rapaz envolvido a realizar ritos sagrados, inferimos que os seus pais são naturalmente sacerdotes (brahmins). Similarmente, vendo este não dividido (isto é, o evoluído), chegamos a uma coisa que deve ser a sua causa. Assim, por sequência natural existe a natureza.

Porque da actividade depende a eficiência – Aqui, um homem faz aquilo no qual é eficiente. Por exemplo um artesão que é eficiente a produzir um jarro, produz apenas o jarro e não roupas ou carroças.

De novo há a natureza como a causa. Como?

Por causa da distinção entre causa e efeito – *Káрана* é o que produz. *Kárya* é o que é produzido. Há uma distinção nas funções de causa e efeito. Por exemplo, assim como um jarro é competente para transportar coalhada, mel, água ou leite, já um pedaço de barro não o é.

Ou assim como um pedaço de barro produz um jarro mas um jarro não produz um pedaço de barro. Assim, vendo o Mahat unido e os outros, infere-se que há uma causa separada, da qual o manifesto se separou (isto é, evoluiu).

E de novo por causa da uniformidade dos diversos (evoluídos). *Vishva* significa Universo. A sua *Rupa* é manifestação. A abstracção de *Vishvarupa* é *Vaishvaryarupya* (isto é, manifestado ou evoluído). Por causa desta uniformidade existe a natureza. Porque não existe distinção mutua entre os três mundos e os cinco elementos grosseiros. Isto é os três mundos estão incluídos nos cinco elementos grosseiros. No momento da dissolução, os cinco elementos grosseiros, a terra a água, o fogo, o ar e o espaço, fundem-se nos cinco elementos subtis modificados, pela ordem da sua criação. Os cinco elementos subtis e os onze órgãos fundem-se no ego, o ego funde-se no intelecto, o intelecto na natureza. Assim, os três mundos fundem-se na natureza no momento da dissolução. Desta fusão do manifesto e do imanifesto, como a do leite e da coalhada, é que existe o imanifesto como a causa.

E por esta razão...

Kariká XVI

Kāraṇam asty avyaktam, pravartate trigunataḥ samudayāś ca parināmataḥ salilavat, pratipratigunāśhrayavisheshāt.

O imanifesto como A causa existe. Funciona através dos três atributos por combinação e modificação, como a água, devido a características particulares do campo de cada um destes três atributos.

O bem conhecido imanifesto como causa existe e dele procedem o Mahat fundido e os outros.

Trigunataḥ – isto é, Pela possessão dos três guna (pela natureza). Triguna é aquilo que possui os três atributos, Sattva, Rajas e Tamas. Então qual é o sentido? – É que a natureza é o equilíbrio de Sattva, Rajas e Tamas.

De novo por combinação. Assim como os três braços do Ganges caindo na cabeça de Rudra (para formar) um único braço, também o imanifesto dotado dos três atributos produz o manifesto. Ou, como uma combinação de fios produz o tecido, assim o imanifesto produz Mahat e os outros, devido à combinação dos três atributos. Portanto, o Universo manifestado provém dos três atributos e da sua combinação.

Como o Universo inteiro provém de uma natureza, a sua causa deve ser uniforme – esta objecção não se coloca.

Porque por modificação, como a água, devido a características particulares do campo de cada um destes três atributos. Os três mundos, nascidos de uma natureza, não são de natureza uniforme. Os deuses estão felizes, os homens estão infelizes e os animais estão iludidos. O manifesto, procedente de um imanifesto, torna-se como a água por causa da modificação baseada nas características particulares do campo de cada um dos três atributos. A repetição de *Prati* denota sucessão. *Gunashraya* significa o campo dos três atributos – as suas características particulares. Levando em consideração as características particulares do campo de cada um dos três atributos, o manifesto é criado pela modificação baseada em características particulares do campo dos três atributos. Por exemplo, a água a cair do céu tem uma natureza uniforme. Mas entrando em contacto com diferentes formas, a água assume formas diversas, devido a sabores diferentes. Da mesma forma os três mundos procedentes de uma natureza, não têm uma natureza uniforme. Entre os deuses Sattva é predominante e Rajas e Tamas são indiferentes. Por isso eles são muito felizes. Entre os homens Rajas é predominante e Sattva e Tamas são indiferentes. Por isso eles são muito infelizes. Entre os animais Tamas é predominante e Sattva e Rajas são indiferentes. Por isso eles são muito insensíveis. Assim, através destes dois versos, a existência da natureza é conhecida. Agora, depois disto, o autor prossegue para provar a existência do espírito.

Kariká XVII

Samghâtaparârthatvât, trigunâdiviparyayâd adhishthânât purusho asti bhoktribhâvât, kaivalyârtha pravrittesh ca.

O Purusha existe porque:

- 1. Os objectos compósitos são feitos para outrem***
- 2. Porque é o contrário daquilo que tem os três atributos e o resto***
- 3. Porque deve haver controlo***
- 4. Porque deve haver alguém que goza***
- 5. Porque existe actividade (tendência) para a libertação (kaivalya).***

Foi apontado que a libertação é obtida pelo conhecimento discriminador entre o manifesto, o imanifesto e o conhecedor. Por isso, depois do manifesto, conheceu-se (a existência) do imanifesto através de cinco razões (verso 15). Como o imanifesto o Purusha também é subtil. A sua existência é assim provada por inferência. O Purusha existe. Como? Porque os objectos compósitos são feitos para outrem. Infere-se que a composição de Mahat e dos outros é feita para o Purusha porque, a sua (composição) é inconsciente como uma cama. Por exemplo, uma cama é composta de *gatroipalaka*(?), um tamborete de pé, uma cobertura de tecido de algodão e de uma almofada. Serve o propósito de outra pessoa e não o seu próprio. As diferentes partes da cama não podem servir qualquer propósito mútuo. Por isso infere-se que existe um homem que dorme na cama, para o qual esta cama foi feita. Assim este corpo, um compósito de cinco elementos grosseiros, é feito para outro. Existe o Purusha do qual este corpo de prazeres nasceu. O corpo que é um composto de Mahat e dos outros.

Assim também o Purusha existe porque é o contrário daquilo que tem os três atributos e o resto (possuidor dos três atributos, não discriminado, objectivo, etc., mencionado no verso prévio – o reverso disto. Porque é dito: “O Purusha é similar e dissimilar a isso”.

Porque deve haver controlo. Aqui, uma carruagem, unida a cavalos capazes de pular, galopar e correr, funciona somente quando controlada por um cocheiro, assim também o corpo funciona por causa do controlo do Purusha. Como é dito no Sashtitantra: “A natureza funciona quando controlada pelo espírito”.

Por isso o Purusha existe porque deve haver alguém que goza. Por exemplo inferimos que deve haver alguém que goza a comida misturada com os seis sabores, doce, ácido, salgado, picante,

amargo e adstringente. Da mesma forma, porque o Mahat fundido e dos outros não são gozadores, inferimos que o Purusha existe e para o qual o gozo deste corpo existe.

Por isso o Purusha existe porque existe actividade para a libertação (kaivalya). *Keivalya* é uma abstracção de *Kevala* (sozinho), a actividade que aqui é mencionada. Desta actividade para a sua própria libertação infere-se que o Purusha existe. Porque toda a gente, instruída ou não, deseja a cessação do ciclo dos seus nascimentos e mortes. Por esta razão existe o Purusha para além do corpo.

“É esse espírito Um, controlando todos os corpos como um fio passando por uma cadeia de jóias, ou existem muitos espíritos controlando cada um dos corpos? A isto é respondido...

Kariká XVIII

Janmaranakaranânâm, pratiniyamâd ayugapat pravrittesh ca purushabahutvam siddham, trigunâviparyâyâc caiva.

A pluralidade dos Purusha é estabelecida por:

- 1. Porque o nascimento, a morte e os órgãos são acomodados de forma separada.***
- 2. Porque não existe actividade simultânea***
- 3. Porque há diferentes modificações nos três atributos.***

Janmamaranakaranani significa nascimento, morte e os órgãos. Por causa do seu *pratiniyama* isto é, da sua acomodação de forma separada. Se existisse um Purusha, então quando um (espírito) nascesse, todos nasceriam. Ou quando um morresse todos morreriam. Ou quando um tivesse algum defeito orgânico na forma de surdez, cegueira, mudez, mutilação ou paralisia todos teriam esse defeito. Mas não acontece assim. Assim, porque o nascimento, morte e os órgãos são acomodados de forma separada, a pluralidade dos Purusha é estabelecida.

De novo porque não existe actividade simultânea. *Yugapat* significa ao mesmo tempo. *Ayugapat*, isto é, não simultâneo. *Pravartanam* isto é, actividade. Porque vemos que todas as pessoas não estão envolvidas em virtude ao mesmo tempo. Algumas estão envolvidas em virtude, outras em vício, outras em renúncia e outras em conhecimento. Portanto, por não haver actividade simultânea, está provado que existem muitos Purusha.

Mais ainda, porque há diferentes modificações nos três atributos, a pluralidade dos Purusha fica provada. Por exemplo na vida comum uma pessoa Sattvica é feliz, uma pessoa Rajásica é infeliz e uma pessoa Tamásica está sob ilusão. Assim, pelas várias vicissitudes, a pluralidade dos Purusha está estabelecida.

Agora é dito que o Purusha é inactivo...

Kariká XIX

Tasmâc ca viparyâsât, siddham sâkshitvam asya purushasya kaivalyam mâdhyasthyam, drashṭitvam akartribhâvac ca.

Desse contraste segue-se que o Purusha está imbuído com as características de:

- 1. Testemunha***
- 2. Isolamento***
- 3. Indiferença***
- 4. Percepção***
- 5. Inactividade.***

E desse contraste: Dessa antes mencionada *Vipariasa*, isto é, contraste da possessão dos três atributos. O espírito é sem atributos, é discriminativo e aquele que goza. O contraste é destas qualidades no espírito, como anteriormente foi dito.

Portanto, Sattva, Rajas e Tamas sendo agentes (activos), segue-se que o espírito está imbuído com as características de testemunha Esse (Espírito) que é o objecto de pluralidade. Somente os atributos que são agentes são activos; A testemunha nem age nem desiste de agir.

Mais ainda (o espírito está imbuído de) isolamento. *Kaivalya* é a propriedade de estar isolado ou diferente. Isto é, isolado ou diferente daquilo que está possuído com os três atributos.

Indiferença é a propriedade de ser indiferente. O espírito é indiferente como um *Samnyasin*. Assim como um *Samnyasin* é indiferente para com os habitantes de uma vila envolvidos com os seus afazeres, assim também o espírito se mantém indiferente (isto é, inactivo) enquanto os três atributos estão activos.

Portanto (o espírito está imbuído de) percepção e inactividade. Porque o espírito é indiferente, portanto é o que percebe e não o agente das acções. Os atributos, Sattva, Rajas e Tamas, funcionam como agentes e acção, não o espírito. Assim, também a existência do espírito é provada.

Objecção – Se o espírito não é um agente, então como é que exerce volição (vontade), na forma de “eu exercerei a virtude ou eu não exercerei o vício”. Portanto, é um agente. Mas dizes que o espírito é um não agente. Desta forma haverá erro das duas maneiras. Resposta - por isso é replicado:

Kariká XX

Tasmât tatsamyogâd, acetanam cetanâvad iva lingam gunahkartritve ca tathâ, karteva bhavatîty udâsîna.

Portanto o linga não inteligente aparece como se fosse inteligente por causa do seu contacto com esse (espírito). E embora a actividade pertença aos atributos, o indiferente parece (espírito) como se fosse um agente.

Aqui a inteligência realmente pertence ao espírito; Portanto o Linga, Mahat e os outros, tomando contacto com o reflexo do inteligente (espírito) torna-se como se fosse inteligente. Assim como um jarro se torna frio quando está em contacto com a frieza, e torna-se quente quando em contacto com o calor, assim o Linga, Mahat e os outros, ao ficar em contacto com isso, isto é ao entrar em contacto com o espírito, torna-se como se fosse inteligente. Portanto, a volição é exercida pelos atributos e não pelo espírito.

Embora as pessoas usem (essas frases) “um homem age ou caminha”, mesmo assim o espírito é não agente. Como? (Resposta) - *E embora a actividade pertença aos atributos, o indiferente parece (espírito) como se fosse um agente.* Embora a actividade resida nos atributos, no entanto, mesmo o espírito indiferente torna-se como se fosse um agente. Há uma ilustração disto: Assim como uma pessoa que não é um ladrão, quando presa em conjunto com ladrões se torna um ladrão, também os verdadeiros agentes são os atributos, mas o espírito, embora indiferente, por estar em contacto com eles (atributos) torna-se activo ao entrar em contacto com os agentes. Assim, a distinção entre o manifesto, o imanifesto e o espírito foi explicada. Pela discriminação a partir da qual a libertação é obtida.

Bem, para esse propósito é que apareceu a união entre a natureza e o espírito? È replicado:

Káriká XXI

Purushasya darshanârthah, kaivalyârthas tathâ pradhânasya pangvandhavad ubhayor api, samyogas tatkritah sargah.

(A união) do espírito (com a natureza) é para contemplação (da natureza). (A união) da natureza (com o espírito) é para libertação. A união de ambos (isto é, do espírito e da natureza) é como a união de um coxo com um cego. A criação é levada a cabo por essa (união).

A união do espírito com a natureza é para contemplação. O espírito contempla a natureza isto é, os seus efeitos começando com mahat e terminando nos elementos grosseiros.

Por esta razão a união da natureza com o espírito é para libertação.

A união de ambos é como a união de um coxo com um cego. Por exemplo um homem é coxo, o outro é cego. Estes dois homens viajavam com dificuldade; a caravana foi atacada por ladrões na floresta; Estes dois foram abandonados pelos seus amigos e vaguearam ao acaso. No decurso do seu vaguear encontraram-se um ao outro. A reunião deles, porque cada um deles confiou nas palavras do outro, serve o propósito de andar e ver. O coxo montou às costas do cego. Assim o cego anda pela rua levado pelo homem coxo montado no corpo do primeiro, e o coxo (anda) montado no corpo do cego. Da mesma forma o espírito, como o coxo tem a capacidade de contemplação mas não de acção. A natureza, como o homem cego, tem a capacidade de acção mas não de contemplação. E assim como haverá separação entre o homem cego e o homem coxo, depois de atingido o mútuo objectivo desejado, também a natureza cessa a sua acção depois de completar a libertação do espírito. E o espírito torna-se isolado depois de contemplar a natureza. Depois de o seu mútuo objectivo ser atingido, a separação virá.

E mais ainda, “a criação é levada a cabo por essa (união)”. *Tatkrtát*, isto é, levada a cabo por essa união. *Sargah*, isto é, criação. Assim como um filho nasce da união de um homem com uma mulher, similarmemente, a criação é trazida pela união entre o espírito e a natureza.

Agora o autor procede explicando todos os produzidos.

Káriká XXII

Prakriter mahâms, tato aham, kâras, tasmâd ganash ca shodashakah tasmâd api shodashakât, pañcabhyah pañca bhûtâni.

Da natureza provém o intelecto. Depois o Ego, depois o grupo dos dezasseis, e de cinco deste grupo dos dezasseis, os cinco elementos grosseiros.

Prakrti (natureza), *Pradhâna*, *brahman*, *avyakta*, *bahu-dhâtma* e *mâyâ*, são sinónimos. Da natureza, vazia de características, o intelecto nasceu. *Mahat* nasceu com *buddhi*, *ásuri*, *mati*, *khyâti*, *jñana*, e *prjñā* como sinónimos.

De *Mahat* o ego nasceu. *Ahamkâra*, *Bhûtâdi*, *vaikrta*, *Taijasa*, e *abhimâna* são sinónimos.

Desse o grupo dos dezasseis. Isto é, os cinco elementos subtis, a saber, o elemento subtil do som, o elemento subtil do tacto, o elemento subtil da cor, o elemento subtil do sabor e o elemento subtil do cheiro. Depois os onze órgãos – os cinco dos sentidos, a saber, ouvido, pele, olhos, língua e nariz. Os cinco órgãos de acção, a saber, língua, mãos, pés, ânus e os órgãos de procriação. E a décima primeira, mente, tendo as características de ambos (órgãos dos sentidos e de acção). Este grupo dos dezasseis é produzido a partir do ego.

E de cinco deste grupo dos dezasseis, os cinco elementos grosseiros. Desse grupo dos dezasseis, dos cinco elementos subtis, os elementos grosseiros nascem. Assim como é dito: Espaço do elemento subtil do som; Ar do elemento subtil do tacto; Fogo do elemento subtil da luz; Água do elemento subtil do sabor; Terra do elemento subtil do cheiro. Assim de cinco átomos, (isto é, elementos subtis como os átomos), nascem os cinco elementos grosseiros.

Disse-se anteriormente que a libertação resulta do conhecimento discriminativo do manifesto, o imanifesto e o conhecedor. Nesta conexão (o manifesto) de vinte e três qualidades, começando em *Mahat* e terminando nos elementos grosseiros, foi descrita. O imanifesto também é explicado “por causa da finitude dos objectos específicos” (verso 15). O espírito também foi explicado pelas razões mencionadas em “Porque os objectos compósitos são feitos para outros” (verso 17). Assim eles formam os vinte e cinco princípios. Aquele que conhece todos os três mundos permeados por isto (torna-se liberto). *Tattva* é a abstracção de *Tad*, isto é, existência. Tal como é dito: “Aquele que conhece os vinte e cinco princípios torna-se liberto, não importando em que estádio da vida esteja. Tenha cabelo apanhado ou esteja barbeado, ou tenha um tufo de cabelo; não há dúvidas sobre isto.

Eles, isto é, os vinte e cinco princípios, são: A Natureza, o Espírito, o Intelecto, o Ego, os cinco elementos subtis, os onze órgãos e os cinco elementos grosseiros. Foi dito que o intelecto nasce da natureza. Qual é a natureza desse intelecto? – É descrito:

Káriká XXIII

Adhyavasâyo buddhir, dharmo jñânam virâga aishvaryam sâttvikam etadrûpam, tâmasam asmâd viparyastam.

O intelecto é determinação. Virtude, conhecimento, desapego e poder constituem a sua forma Sattvica. A tamásica é o seu oposto.

Determinação é a definição de intelecto. *Adhyana sâya* é determinação (averiguação), e está (presente no intelecto. como a futura germinação da planta numa semente. Isto é, é a cognição final que aparece quando determinamos “isto é um jarro” “isto é um tecido”.

Esse intelecto tem oito partes, sendo ou Sâttvicas ou Tamásicas. A forma Sâttvicas do intelecto é de quatro tipos a saber: Virtude, conhecimento, desapego e poder.

A virtude tem a natureza da misericórdia e da caridade, os (cinco) *Yamas* (restrições) e os (cinco) *Niyamas* (obrigações). Os *Yamas* e *Niyamas* são descritos no tratado de *Patañjali*. “Não-violência; Verdade; Não roubar; Celibato e não-aceitação de ofertas constituem os *Yamas* (Yogasutra, II, 30). “Pureza; Contentamento; Austeridade; Estudo dos Veda e meditação em Deus são os *Niyamas* (*Patañjali*, II, 32) *.

* O original de *Paramharta* tem *Yamas* e *Niyamas* diferentes. *Yama* tem cinco subdivisões. 1-Não provocar raiva a ninguém; 2- respeitar os nossos mestres espirituais; 3- possuir pureza interna e externa; 4- ser moderado ao comer e beber; 5- não se tornar adicto ao vício. *Niyama* também é dividido em cinco. 1- não matar; 2- não roubar; 3- falar a verdade; 4- praticar continência (*brahmacharyá*); 5- não bajular. Sobre isto o professor *Suryanarayana Sastri* observa em rodapé que a enumeração chinesa “tem maiores hipóteses de ser o original do que aquela de *Gaudapada*. Acima de tudo, a adoração de Deus é muito improvável para um sistema ateuista como o *Sâmkhya*. Pode acontecer que *Gaudapada* tenha adoptado a enumeração habitual da escola de *Yoga*”

Luz (*prabâsha*), compreensão (*avagama*) e manifestação (*Bhána*) são os sinónimos de conhecimento. O conhecimento externo compreende os Veda junto com os cinco ramos de pronúncia, ritual, gramática, etimologia, prosódia e astronomia, os *Purânas*, o *Nyâya*, o

Mimánsa, e os *Dharma Shástras*. O conhecimento interno é o conhecimento (discriminativo) da natureza e do espírito. Esta natureza é o equilíbrio de *Sattva*, *Rajas* e *Tamas*. Este espírito é realizado, livre de atributos, onnipresente e inteligente. O resultado do conhecimento externo é celebridade e admiração entre as pessoas. O resultado do conhecimento interno é libertação.

O desapego também é de dois tipos – externo e interno. O (desapego) externo é liberdade de apego aos objectos (dos sentidos), decorrente do desgosto devido à observação de defeitos nos ganhos, protecção, nas perdas, apegos e ferimentos (sentidos nestes objectos). O interno: O desapego interno surge na mente daquela pessoa que deseja alcançar a libertação, isto é, torna-se desapaixonado pela observação de que mesmo a natureza é como uma magia ou sonho.

Poder é imponência. É de oito tipos: *Animá*; *Mahimá*; *Garimá* (*tornar-se pesado à sua vontade*); *Laghimá*; *Prápti*; *Prákámya*; *Ishitva*; *Vashitva* e *Yatrakámávasáyitva*. *Animá* é o estado de um átomo. Isto é, uma pessoa (possuidora deste poder), vagueia pelo mundo numa forma minúscula como um átomo. *Mahimá*; (possuidor deste poder) um homem vagueia em forma enorme. *Laghimá*; Porque se torna tão leve como uma fibra de caule de lótus (uma pessoa possuidora deste poder) pode ficar nas pontas dos filamentos das flores. *Prápti*; (uma pessoa possuidora deste poder) consegue os objectos que deseja, sejam eles quais forem. *Prákámya*; (uma pessoa possuidora deste poder) pode fazer tudo o que quiser. *Ishitva*; (uma pessoa possuidora deste poder) reina sobre os três mundos por causa da sua imponência. *Vashitva*; tudo fica sob o poder (de uma pessoa possuidora deste). *Yatrakámávasáyitva*; (uma pessoa possuidora deste poder) pode ficar de pé, sentar ou vaguear sobre qualquer coisa, desde Brahman até à erva, quando o desejar. Estes quatro são as formas sáttvicas do intelecto. Quando *sattva* se sobrepõe a *rajas* e *tamas*, então o homem adquire qualidades intelectuais de virtude e as outras.

E mais ainda, *A forma tamásica é o oposto disto, virtude e as outras*. O reverso da virtude é o vício; similarmente, a ignorância, o apego e a ausência de poder (são o oposto de conhecimento, desapego e poder, respectivamente). Assim, o intelecto tendo oito formas de acordo com a sua natureza sáttvica e tamásica nasce do imanifesto possuidor dos três atributos.

A definição de intelecto foi dada; agora a descrição da natureza do ego.

Káriká XXIV

Abhimâno ahamkâras, tasmâd dvidihah pravartate sargah ekâdashakash ca ganas, tanmâtra pañcakañ caiva.

Ego é auto consciência. Dois tipos de criação procedem dele, a saber, o grupo dos onze e os cinco elementos subtis.

O grupo dos onze. Os onze órgãos. E o grupo dos elementos subtis que tem cinco partes, isto é, imbuído com as cinco características, a saber, imbuído com os elementos subtis do som, tacto, cor, sabor e cheiro.

(Que tipo de) criação a partir de que tipo – é agora explicado.

Káriká XXV

Sâttvika ekâdashakah, pravartate vaikritâd ahamkârât bhûtâdes tânmâtrah, sa tâmasas taijasâd ubhayam.

Do ego vaikrta (procede) o grupo dos onze, caracterizado por sattva. Do ego bhútádi (procede) o grupo dos elementos subtis que é támara. Do ego taijasa (procedem) ambos.

Quando rajas e tamas são sobrepostos por sattva no ego, então esse ego é sáttvico. Os sábios antigos chamaram-lhe vaikrta. Do ego vaikrta o grupo dos onze, isto é, procede o grupo dos onze órgãos. Portanto, os órgãos são sáttvicos, puros e capazes de apreenderem os seus objectos. Por isso diz-se: o grupo dos onze é caracterizado por sáttva.

E de novo, de bhútádi, o grupo dos elementos subtis que é támara. Quando sattva e rajas são sobrepostos por tamas no ego, então esse ego é chamado támara. Os sábios antigos chamaram-lhe bhútádi. Desse ego bhútádi, procede o grupo dos cinco elementos subtis. Chamam-se Támara porque são a origem dos elementos grosseiros e abundam em tamas. Deste bhútádi procede o grupo dos elementos subtis.

E de taijasa ambos. Quando sattva e tamas são sobrepostos por rajas, então, por esta razão, o ego recebe o nome de taijasa. Desse taijasa ambos nascem. Ambos significam o grupo dos onze órgãos e o grupo dos cinco elementos subtis. O ego sáttvico, tornando-se vaikrta, isto é modificado, recebe a ajuda do ego taijasa no momento de produzir os onze órgãos. O ego sáttvico é inactivo. É capaz de produzir os órgãos (somente) quando unido a taijasa (ego). Similarmente, o ego támara, chamado bhútádi e sendo inactivo, produz os cinco elementos subtis (somente) quando unido com o activo ego taijasa. Portanto é dito: de taijasa ambos. Assim o ego taijasa (na companhia do sáttvico e tamásico), produz os onze órgãos e os cinco elementos subtis.

Foi mencionado que o grupo dos onze (órgãos) é sáttvico. Quais são os nomes daqueles que nasceram do ego sáttvico modificado? Isto é agora explicado.

Kárika XXVI

Buddhîndriyâni cakshuh, shrotraghrânarasanatvagâkhyâni vâkpânîpâdapâyû, upasthâh karmendriyâny âhuh.

Os órgãos dos sentidos são os olhos, ouvidos, nariz, língua, e pele. Fala, mãos, pés, ânus e os órgãos de procriação são chamados órgãos de acção.

Dos olhos até à pele são chamados os órgãos dos sentidos. *Sparshana*, isto é, pelo qual toca-mos, é o órgão da pele. A palavra *Sparshana* é usada nesse sentido. Portanto no texto lê-se: *Sparshanakáni*. Eles são chamados os cinco órgãos dos sentidos, porque apreendem os cinco objectos, a saber, o som, o toque, a cor, o sabor e o cheiro.

Fala, mãos, pés, ânus e os órgãos de procriação são chamados órgãos de acção. Os órgãos de acção são assim chamados porque eles (realizam) acção. A fala pronuncia, as mãos agem de forma variada, os pés realizam a ida e vinda, o ânus excreta, e os órgãos de procriação (produzem) prazer procriando filhos.

Assim, tendo por base os órgãos dos sentidos e os órgãos de acção, dez órgãos foram descritos. Qual é a natureza e qual é a essência da mente? Isto é agora explicado.

Ubhayâtmakam atra manah, samkalpakam indriyam ca sâdharmyât gunaparinâmvisheshân, nânâtvam bâhyabhedâsh ca.

Aqui, a mente (sensível) é da mesma natureza de ambos (órgãos dos sentidos e de acção). É determinativa e ao mesmo tempo um sentido ou órgão, devido à sua semelhança. Esta diversidade (dos órgãos) e a diversidade das coisas externas tem origem nas modificações específicas dos gunas ou dos atributos quer dos sentidos quer dos objectos.

Aqui, no conjunto dos órgãos, a mente é da mesma natureza de ambos. Entre os órgãos dos sentidos é como um órgão de sentido. Entre os órgãos de acção é como um órgão de acção. Porquê? Porque determina o funcionamento dos órgãos dos sentidos e dos órgãos de acção. Assim, a mente é da mesma natureza. Sankalpaka, porque determina. É um órgão devido a esta semelhança, devido a possuir características semelhantes.

Os órgãos dos sentidos, assim como os de acção, que procedem em simultâneo com a mente, do ego satvico, apresentam esta similaridade da mente, tornando-a da mesma natureza de um órgão. Portanto estes 11 órgãos são originados a partir do ego sâtvido. Então qual é a função da mente? Ser determinativa é a sua função. As funções dos órgãos dos sentidos são o som e o resto. As funções dos órgãos de acção são o discurso e o resto.

Agora, estes diferentes órgãos apreendem diferentes objectos criados por Deus, ou são auto-gerados? Por causa de Prakriti, a natureza, de buddhi, o intelecto e de Ahamkara, o ego, são não inteligentes e o espírito é também inactivo. Nesta ligação é respondido: Sobre este assunto, entre os seguidores da doutrina do Sâmkhya existe uma certa espontaneidade como causa (?) A este respeito é dito: A diversidade dos órgãos e as diversidades externas nascem das modificações específicas dos seus atributos. Estes 11 órgãos (funcionam em diferentes objectos): som, tacto, cor, sabor e cheiro (são as funções) dos 5 (órgãos dos sentidos): discurso, tocar, andar, excreção e prazer (são as funções) dos 5 (órgãos de acção); e determinação (é a função) da mente. Então estes diferentes objectos dos diferentes órgãos, advêm da modificação dos atributos. Gunaparinama é a modificação dos atributos. Por conta da sua especificação ou modificação, aparece a diversidade (dos órgãos) e as diversidades externas. Então esta diversidade não é causada ou criada por Deus, Ego, Intelecto, Natureza ou espírito, mas é causada pela modificação espontânea dos atributos. Mas pode existir alguma actividade que não seja inteligente entre os atributos?. Sim, pode haver, como será demonstrado neste livro.

Tal como existe uma actividade no leite não inteligente, para o crescimento das crias (do bezerro), similarmente existe uma actividade na natureza para despoletar a libertação da alma. (KAr. 57).

Então os atributos não inteligentes tornam-se modificados através dos 11 órgãos. As especificações ou características são causadas por estes atributos. Consequentemente o olho é colocado num plano mais elevado (no corpo) para observação, e também o nariz, os ouvidos, a língua (colocados no seu lugar próprio no corpo) para apreenderem os seus objectos; similarmente os órgãos de acção estão devidamente colocados no corpo para apreenderem os seus objectos particulares – apenas estes (órgãos) são um resultado da modificação espontânea dos atributos e não os objectos destes órgãos?

É dito noutro texto: Os atributos funcionam nos atributos. O funcionamento dos atributos contém os próprios atributos como o seu campo. Então a diversidade externa é o resultado apenas dos atributos, cuja causa é a natureza.

Agora é descrita a função dos diferentes órgãos:

Kariká XXVIII

Shabdâdishu pañcânâm, âlocanamâtram ishyate vrittih vacanâdânaviharanotsargânandâsh ca pañcânâm.

A função dos 5 órgãos (dos sentidos ou de conhecimento) com respeito ao som e ao resto é apenas manter a percepção, é revelar a singularidade dos objectos, enquanto a função dos (outros) 5 (órgãos de acção) é discurso, tacto, andar, excreção e prazer.

A palavra Matra é usada no sentido de singularidade ou de exclusão do que não é específico, como na frase – só se recebem esmolas, o que quer dizer não se recebe mais nada; assim as funções do olho, dizem respeito apenas à cor e não ao sabor ou ao resto. Similarmente no caso dos outros. Quer dizer, o objecto do olho é a cor, da língua é o sabor, do nariz é o cheiro, do ouvido é o som e da pele é o toque. Assim descrevemos o campo de acção dos órgãos dos sentidos.

Agora, o campo de funcionamento dos órgãos de acção é descrito: Desses (outros) 5: discurso, agarrar ou tocar, andar, excreção e prazer que são o âmbito de funcionamento dos órgãos de acção. Do discurso é falar, das mãos é abarcar, dos pés é andar, do ânus é excretar o lixo que resulta da comida ingerida e do órgão de procriação o prazer e o nascimento, são os objectos ou o campo de funcionamento. Esta é a relação de sintaxe da frase.

Agora descrevemos as funções do ego, do intelecto e da mente:

Kariká XXIX

Svâlakshanyâ vrittis, trayasya saishâ bhavaty asâmânyâ sâmanyakarianavrittih, prânâdyâ vâyavah pañca.

A função dos 3 órgãos internos é a natureza específica de cada um, que não é comum aos 3. A função comum é a circulação dos 5 prânas, prâna e o resto.

Natureza específica quer dizer a sua singularidade. Foi dada a seguinte definição do intelecto: O Intelecto é discriminação, determinação (Kar. 23), sendo esta também a sua função. Similarmente ao ego foi dada a seguinte definição: O ego é auto identificação (Kar. 24) sendo também a sua função. A mente é determinante (Kar. 27), sendo a sua única função a de resolução. Assim, entende-se que a função de cada um destes 3 órgãos internos é a sua própria natureza.

Não comum. Até o funcionamento dos órgãos dos sentidos e de acção que foram explicados atrás, é específico.

Agora explicamos a função que é comum. A função comum dos órgãos, quer dizer a função que é comum a eles. Os 5 prânas e o resto, prâna, apâna, samâna, Udâna e Vyâna são as funções comuns a todos os órgãos. O ar, chamado de prâna reside dentro da boca e nariz; a sua circulação é a função comum em todos os 13 órgãos. Uma vez que os órgãos tomam existência quando existe circulação de prâna. Prâna como um pássaro numa gaiola, dá movimento a tudo. É chamado prâna por causa da função respiração. Apâna chama-se assim porque tira, leva para fora. A sua circulação também é função de todos os órgãos. Samâna, residindo no centro do

corpo porque distribui devidamente a comida e o resto. Similarmente Udána é assim chamado porque transporta para cima, eleva e reside entre o abdómen e a cabeça. A circulação de Udána é também comum em todos os órgãos. Ainda, aquilo que permeia o corpo e divide o seu interior é chamado Vyána; e chama-se assim porque permeia o corpo, como o espaço. A sua circulação é comum a todos os órgãos. Estes 5 váyus são funções comuns a todos os órgãos, a função comum a todos os órgãos de 13 tipos.

Kariká XXX

Yugapac catushtayasya tu, vrittiḥ kramashash ca tasya nirdishṭā drishte tathāpy adrishte, trayasya tatpūrvikā vrittiḥ.

No que diz respeito aos objectos visíveis, a função dos 4 (os 3 órgãos internos e um órgão dos sentidos) é simultânea e gradual. Também no que diz respeito aos objectos invisíveis, a função dos 3 órgãos internos é precedida por isso, por uma percepção anterior.

Os 4 são simultâneos. Intelecto, ego e mente, quando unidos a qualquer dos órgãos dos sentidos torna-se 4. Neste 4 existe funcionamento simultâneo no que diz respeito aos objectos visíveis. Intelecto, ego e mente, e o olho, em simultâneo percebem a forma. Intelecto, ego e mente em simultâneo com a língua percebem o gosto. Intelecto, ego e mente em simultâneo com o nariz percebem o cheiro; a mesma simultaneidade para a pele e para os ouvidos e as suas funções. Estas percepções são também graduais, isto é existe também a função gradual dos 4. Por exemplo, um homem caminhando na estrada, vê algo à distância e fica na dúvida se é um poste ou outro homem. Então observa uma marca ou um pássaro sobre a imagem. Na sua mente com dúvidas emerge o intelecto dizendo que é um poste. Depois emerge o ego dando-lhe a certeza de que é um poste. Assim, como verificamos o funcionamento é gradual – intelecto, ego, mente e olho. Como no caso da forma, também se passa o mesmo no som e no resto. Visível, quer dizer objectos visíveis.

Também no que diz respeito aos objectos invisíveis, a função dos 3 é precedida por essas dos órgãos dos sentidos. No mundo invisível das formas passadas e futuras, o funcionamento do intelecto, ego e mente é precedido pela função do olho. No tacto, o intelecto, ego e mente são precedidos pela função da pele. No cheiro pela função do nariz. No sabor pela função da língua. No som pela função do ouvido. No que diz respeito ao passado e ao futuro, a função do intelecto, do ego e da mente é precedida pela função de qualquer outro órgão dos sentidos e gradual. No que diz respeito ao presente a função é simultânea e gradual ao mesmo tempo.

XXXI

Svām svām pratipadyante, parasparākūta^hetukīm vrittim purushārtha eva hetur, na kena cit kâryate karanam.

Os órgãos levam a cabo as suas funções através de impulsos mútuos. O motivo da sua acção é o objectivo de purusha; o funcionamento de um órgão não é impulsionado por ninguém.

Svām é repetido (no sentido de “respectivamente seus”). O intelecto, o ego e a mente levam a cabo as suas respectivas funções por mútuo impulso.

Akuta quer dizer respeito ou zelo. O intelecto, o ego e a mente e o resto tendem a realizar o objectivo do espírito. O intelecto procede para a sua função particular depois de conhecer o impulso do ego.

Se for perguntado – qual é o motivo? – então respondemos. O motivo é apenas o objectivo do espírito. O objectivo do espírito existe para ser alcançado. Para este fim, os atributos agem. Portanto os órgãos manifestam o objectivo do espírito.

E como é que agem por sua conta, não sendo inteligentes? Um órgão não é colocado a funcionar por acção de ninguém. O que isto quer dizer é que é o espírito que provoca a sua acção. Estes órgãos não são causados, isto é, accionados por nenhum ser superior.

Agora são descritas – a várias espécies de órgãos, intelecto e o resto.

XXXII

Karanam trayodashavidham, tad âgrahanadhâranaprakâshakaram kâryam ca tasya dashadhâ, *hâryam, dhâryam prakâshyam ca.

Os órgãos são de 13 espécies; as suas funções são apreender, reter e manifestar. Os seus objectos são de natureza apreensíveis, mantidos e manifestados, dividem-se em 10.

Os órgãos, Mahat, o intelecto e o resto devem ser conhecidos como de 13 espécies: 5 órgãos dos sentidos (o olho e o resto); 5 órgãos de acção (o discurso e o resto); e o intelecto, o ego e a mente.

Quais são as suas funções? As suas funções são apreender, reter e manifestar. Aqui apreender e reter são acções levadas a cabo pelos órgãos de acção e manifestar pelos órgãos dos sentidos.

De quantas espécies são os seus objectos? De 10. Os objectos, ou seja, as funções executadas por estes órgãos são de 10 espécies. Os objectos e as funções a serem levadas a cabo pelos órgãos são de 10 espécies: o som, tacto, forma, sabor, cheiro, discurso, agarrar, andar, excretar e prazer são manifestados pelos órgãos dos sentidos e são apreendidos e mantidos pelos órgãos de acção.

XXXIII

Antahkaranam trividham, dashadhâ bâhyam trayasya vishayâkhyam sâmpratakâlam bâhyam, trikâlam âbhyantaram karanam.

Os órgãos internos são de natureza tripla, os órgãos externos são de 10 espécies e são os objectos dos 3 órgãos internos. Os órgãos externos funcionam no presente e os órgãos internos funcionam nos 3 tempos: presente, passado e futuro.

Os órgãos internos, o intelecto, o ego e a mente são portanto triplos, distinguidos como Mahat e o resto.

E os órgãos externos são de 10 tipos. Os 5 órgãos dos sentidos e os 5 órgãos de acção. São objectos dos 3 órgãos internos. São objectos para deleite do intelecto, do ego e da mente.

Função no presente. O ouvido apenas suporta o som presente, não o som passado nem o som futuro. O olho apenas vê a forma do presente e não a do passado nem a do futuro. A pele apenas sente o toque presente, a língua apenas o sabor presente, o nariz o cheiro presente. Similarmente, os órgãos de acção, o discurso apenas profere uma palavra no presente, não no passado nem no futuro; as mãos apenas pegam no jarro presente, não no passado ou no futuro; os pés apenas caminham na estrada presente, não na futura nem na passada; o ânus e os órgãos de procriação apenas excretam e produzem prazer em cada momento presente, não no passado nem no futuro. Então concluímos que os órgãos externos apenas funcionam no presente.

Os órgãos internos funcionam nos 3 tempos. O intelecto, o ego e a mente apreendem os seus objectos no presente, passado e futuro. O intelecto conhece o jarro no presente, passado e futuro. O Ego é consciente do presente, passado e futuro. Similarmente a mente pondera o presente o passado e o futuro. Então concluímos que os órgãos internos funcionam nos 3 tempos.

Agora é explicado que órgãos apreendem determinados objectos específicos e não específicos.

XXXIV

Buddhîndriyâni teshâm, pañca visheshâvisheshavishayâni vâg bhavati shabdavishayâ, sheshâny tu pañcavishayâni.

Destes, os 5 órgãos dos sentidos apreendem objectos específicos e não específicos. O discurso tem apenas e só o som como seu objecto. Os outros têm 5 objectos.

Os órgãos dos sentidos. Apreendem determinados objectos (no caso dos seres humanos). Os órgãos dos sentidos humanos apreendem objectos específicos, som, tacto, forma, sabor e cheiro, dotados de prazer, dor e desilusão. No caso dos seres divinos (os órgãos dos sentidos) manifestam objectos não específicos.

De novo, entre os órgãos de acção, o discurso apenas tem o som como seu objecto. O discurso dos seres divinos, tal como dos seres humanos profere versos e o resto. O órgão do discurso é igual para os seres divinos e para os seres humanos.

O resto, com excepção do discurso, denominado como mãos, pés, ânus e órgãos de procriação têm 5 objectos. Panchavisayani quer dizer os que têm 5, som e o resto como seus objectos. Som,

tacto, forma, sabor e cheiro estão presentes nas mãos. Os pés caminham no chão dotados dos 5, som e o resto. O ânus excreta aquilo que é dotado dos 5 (som e o resto). Similarmente, o órgão de procriação produz prazer através do sémen que é dotado das 5 características (do som e do resto).

XXXV

Sântahkaranâ buddhih, sarvam vishayam avagâhate yasmât tasmât trividham karanam, dvâri dvârâni sheshâni.

Como o intelecto, juntamente com os órgãos internos apreende todos os objectos, estes 3 órgãos internos são os guardiões das portas e o resto são as portas.

O Intelecto com os órgãos internos, o ego e a mente, apreende todos os objectos, o som e o resto nos 3 tempos, presente, passado e futuro. Isto quer dizer, os 3 são os guardiões dos órgãos. E mais:

XXXVI

Ete pradîpakapâh, parasparavilakshanâ gunavisheshâh kritsnam purushasyârtham, prakâshya buddhau prayaccanti.

Estes órgãos, que são as modificações específicas dos 3 atributos e que são diferentes entre si, revelam ou divulgam todos os objectos como uma lâmpada e apresentam-nos ao intelecto para gozo do Espírito.

Todos os órgãos mencionados em cima são as modificações específicas dos atributos. Quais são as suas características? São como uma lâmpada; eles iluminam os objectos como uma lâmpada. Diferentes uns dos outros, dissimilares ou tendo diferentes objectos, isto é, têm as modificações dos atributos como seus objectos. Modificações diferentes dos atributos nascem dos atributos. Tudo para gozo do espírito. Os órgãos dos sentidos, os órgãos de acção, o ego e a mente, tendo revelado os seus objectos respectivos, apresentam-nos ao intelecto, colocam-nos no intelecto. Porque o espírito entende o prazer e o resto emergindo dos objectos quando eles são colocados no intelecto.

E mais:

XXXVII

Sarvam pratyupabhogam, yasmât purushasya sâdhayati buddhih saiva ca vishinashti punah, pradhânapurushântaram sûkshmam.

Como é o intelecto que traz a totalidade do gozo dos objectos, também é este intelecto que discrimina sobre a diferença subtil entre a natureza e Purusha.

Totalidade quer dizer todos os objectos de todos os órgãos nos 3 tempos.

Gozo quer dizer gozo respectivo ou específico. Como o intelecto em conjunto com os órgãos traz o efeito (o gozo) através dos órgãos dos sentidos e da acção divina, humana e animal, também é este intelecto que discrimina ou distingue entre o domínio (esfera de acção) da natureza e o domínio de Purusha. A diferença entre a natureza e Purusha quer dizer diversidade.

Diferença subtil, quer dizer que não pode ser alcançada por pessoas que não praticaram austeridades... Subtil é a natureza, o estado de equilíbrio de Sattva, Râjas e Tamas; é o intelecto, é o ego, são os 5 elementos subtis, os 11 órgãos e os 5 elementos grosseiros; e ainda o Purusha, diferente de todos; portanto apenas o intelecto satvico consegue conciliar aquilo que é necessário para a libertação, através da discriminação entre o Purusha e a Natureza.

Foi mencionado que os 5 órgãos dos sentidos apreendem “objectos específicos e não específicos” (Karikâ 34). Agora explicamos que objectos são esses.

XXXVIII

Tanmâtrâny avisheshâs, tebhyo bhûtâni pañca pañcabhyah ete smritâ visheshâh, shântâ ghorâsh ca mûdhâsh ca.

Os elementos subtis são não específicos. Destes elementos subtis são produzidos os elementos grosseiros, chamados específicos e que são tranquilos, turbulentos ou ilusórios.

Os 5 elementos subtis produzidos a partir do ego são o elemento subtil do som, o elemento subtil do tacto, o elemento subtil da forma, o elemento subtil do sabor e o elemento subtil do cheiro. Estes são chamados não específicos. São objectos dos deuses (apreendidos apenas pelos seres divinos), têm características de prazer e são desprovidos de dor e de ilusão.

Destes 5 elementos subtis surgem os 5 elementos grosseiros, a saber, terra, água, fogo, ar e espaço. Estes são chamados específicos. Do elemento subtil do cheiro, surge o elemento específico da terra; do sabor, a água; do tacto, o vento; do som, o espaço ou éter... assim são produzidos os elementos grosseiros.

Estes objectos grosseiros são apreendidos pelo homem, e são tranquilos, têm a característica de prazer, de turbulência, de dor e ilusão e iludem. Como o elemento espaço é tranquilo, dá prazer a uma pessoa que sai de uma sala fechada para o espaço aberto, o mesmo espaço torna-se desconfortável, traz dor à pessoa que é afectada pelo frio, calor, vento ou chuva, e o mesmo torna-se ilusório na mente de uma pessoa que se perde no meio de uma floresta; similarmente o vento é tranquilo para uma pessoa que é oprimida pelo calor, desagradável ou violento para uma

peessoa oprimida pelo frio, e ilusório quando misturado com o pó e a areia. O mesmo pode dizer-se do fogo e do resto.... Os outros objectos não específicos são:

XXXIX

Sûkshmâ mâtâpitrijâh, saha prabhûtais tridhâ visheshâh syuh sùkshâm teshâm niyatâ, mâtâpitrijâ nivartante.

Elementos subtis, elementos que se agregam (nascidos de pais) e os 5 elementos grosseiros são os objectos específicos triplos. Destes, os subtis são permanentes, enquanto os nascidos dos seus parentes são impermanentes.

Por exemplo, elementos subtis compostos e caracterizados, como Mahat e o resto, são corpos subtis que persistem e acompanham a transmigração, por isso são subtis. Aqueles que são agregados (nascidos de pais) são os corpos grosseiros compostos dentro do útero pela mistura dos líquidos seminais dos pais, coabitando, depois da menstruação. Esse corpo subtil é então nutrido através do cordão umbilical e a partir da comida e bebida ingeridas pela mãe.

O corpo começado por estes 3 objectos específicos, elementos subtis, elementos agregados do pai e da mãe e elementos grosseiros é então construído com costas, estômago, coxas, peito, cabeça e o resto e é envolvido em 6 camadas. É provido de sangue, pele, tendões, líquido seminal, ossos e medula e é composto dos 5 elementos grosseiros; éter providencia o espaço para o corpo, o vento providencia o crescimento, fogo providencia o metabolismo, a água providencia a coesão ou agregação dos tecidos e a terra providência estabilidade. Então provido de todos os membros o corpo sai do útero. Então estes são os objectos triplos específicos.

Agora o autor diz acerca dos objectos específicos em cima, quais os permanentes e os temporários. Os subtis, chamados Tanmatras são permanentes. O corpo começado por eles e impelido pelas acções de vidas passadas, migra para as espécies animais, veados, aves, répteis e objectos imóveis; impelido por acções virtuosas migra para as regiões de Indra e dos outros. O corpo subtil migra enquanto a sabedoria discriminativa não é alcançada. Depois de alcançar esta sabedoria discriminativa, um homem sábio abandona o seu corpo e obtém salvação. Então estes objectos específicos subtis são permanentes.

Os nascidos de pais são impermanentes, degradam-se neste mundo, abandonando o corpo subtil na altura da morte. No momento da morte o corpo nascido de pais é deixado para trás e os seus elementos são dissolvidos na terra e no resto.

Agora o autor explica a maneira como o corpo subtil migra.

XL

Pûrvotpannam asaktam, niyatam mahadâdi sùkshmaparyantam samsarati nirûpabhogam, bhâvair adhvâsitam lingam.

O corpo subtil, Linga, formado primeiramente, desimpedido, permanente, constituído pelo intelecto e pelo resto até aos elementos subtis, incapaz de prazer, migra e é provido de disposições ou inclinações ou carácter.

Quando o universo é não criado, então, na primeira criação de Prakriti, o corpo subtil é formado. Mais, é desimpedido, isto é, não está ainda ligado aos estados animal, deus ou homem. Por causa da sua subtilidade não está preso a nada. Migra e move-se na sua atitude livremente através das montanhas e do resto.

Niyatam, permanente. Migra enquanto o conhecimento discriminativo não é realizado. Composto de Mahat e do resto até aos elementos subtis. Mahadádi significa aquilo que é precedido por Mahat, isto é, intelecto, ego, mente e os 5 elementos subtis. Até aos elementos subtis, migra e move-se pelos 3 mundos como uma formiga no corpo de Shiva.

Desprovido da capacidade de sentir prazer, o corpo subtil torna-se capaz de gozar porque assume actividade da agregação do corpo externo, nascido dos pais.

Provido de disposições. As disposições, o dharma e o resto serão explicados mais à frente. Provido quer dizer afectado por elas.

Lingam – No momento da dissolução, Mahat e o resto, até aos elementos subtis, juntamente com os órgãos fundem-se em Prakriti; enquanto não migram, permanecem intactos na Natureza, até à criação, sustidos pelos laços de ilusão na Natureza, incapazes de migrar e do resto. Assim, o Linga subtil migra de novo no momento da criação.

Se for perguntado. Porque é que 13 órgãos migram – o autor responde:

XLI

Citram yathâshrayam rite, sthânṡvâdibhyo vinâ yathâ châyâ tadvad vinâvisheshair, na tishṡhati nirâshrayam lingam.

Como um desenho não existe sem um substrato, ou uma sombra não existe sem um poste ou algo similar, assim, também o Linga não subsiste sem um suporte, isto é sem o corpo subtil não específico.

Um desenho não subsiste sem o substrato de uma parede, assim como uma sombra não existe sem um poste ou algo similar. A palavra adi comporta outras comparações ou ilustrações: assim como não pode haver frescura sem água ou água sem frescura; fogo sem calor; vento sem tacto; éter sem espaço; terra sem aroma ou cheiro.

De acordo com esta ilustração, *sem o não específico*, isto é, sem os elementos subtis não específicos, (o Linga) não subsiste. Aqui os elementos grosseiros, isto é, o corpo formado pelos 5 elementos grosseiros, são o específico. Porque, onde pode o linga (o corpo subtil) existir, se existir o corpo grosseiro específico. Como pode haver renúncia a um corpo e tomar outro?

Sem suporte, a saber, o linga sem suporte, isto é, os 13 órgãos.

Com que propósito é que o Linga assume um corpo, é explicado mais tarde.

XLII

Purushârthahetukam idam, nimittanaimittikaprasangena prakriter vibhutvayogân, naṡavad vyavatishṡhate lingam.

Para os fins do espírito, o Linga, através da sua conexão com os meios e os seus resultados, e com a ajuda da poderosa natureza, age como um actor.

A Natureza funciona para que o espírito concretize o seu objectivo. Esse objectivo é duplo: - a apreensão do som e do resto; e o conhecimento discriminativo entre o espírito e os atributos. A apreensão do som e do resto é o gozo do som e do resto no campo de Brahman e seus similares. O conhecimento discriminativo entre o espírito e os atributos é a salvação ou libertação. Por isso se diz que o corpo subtil está activo para servir os propósitos do espírito. Através da sua conexão entre os meios e os resultados. Os meios são a virtude e o resto, os resultados são ascender ao céu e assim por diante – serão explicados depois. Prasangena quer dizer através de conexão. Com a ajuda da força da Natureza, Pradhaná.

Tal como um rei, sendo todo poderoso no seu reino, faz o que lhe apetece, similarmente por conta da suprema autoridade da Natureza sobre tudo, o Linga age através da conexão entre os meios e os resultados. Quer dizer a Natureza determina as condições do Linga ao assumir diferentes corpos.

Lingam – O corpo subtil composto de partículas minúsculas, isto é, os elementos subtis, provido dos 13 tipos de órgãos, actua nos corpos dos deuses, animais e homens. Como? Como um actor. Assim como um actor que sai detrás do cenário aparece primeiro como um Deus, a seguir como homem e depois como um palhaço, também o corpo subtil através da sua conexão com os meios e os resultados entra no útero e sai como um elefante, uma mulher ou um homem.

Foi dito que, dotado de predisposições, o linga migra, agora são explicadas estas predisposições:

XLIII

Sâmsiddhikâsh ca bhâvâh, prâkritikâ vaikritâsh ca dharmâdyâh drishtâh karanâshrayinâh, kârâyâshrayinâsh ca kalalâdyâh.

As predisposições, virtude e o resto, são inatas, naturais ou adquiridas. Subsistem no instrumento (isto é, o Intelecto). O embrião e o resto subsistem no efeito (isto é, o corpo).

As **tendências** ou predisposições são de **3** tipos, inatas, naturais ou adquiridas. As tendências inatas são a virtude, o conhecimento, desapego e poder, e nasceram com o reverenciado Kápila na primeira criação. São descritas as tendências naturais: - Sanaka, Sanandana, Sanatana e Sanatkumara (4 filhos de Brahman). Estas tendências foram produzidas com eles, que foram investidos com corpos de 16 anos de idade, e cujas tendências foram um resultado da relação causa-efeito, resultado de méritos em nascimentos anteriores, por isso essas tendências se chamam naturais. As tendências adquiridas são as que se encontram em homens como nós, para quem o conhecimento vem da estrutura corpórea de um professor. Do conhecimento produz-se o não apego e do não apego surge a virtude, e da virtude vem o poder. Assim como a estrutura corpórea de um professor é um produto da Natureza, também estas disposições são consideradas adquiridas - Provido destas tendências o corpo subtil migra. Estas 4 disposições são Satvicas; as Tamasicas são o contrário e foram explicadas assim no Kariká XXVIII – Isto é a forma sâtvetica, o contrário é tamásico. Então as tendências são 8: Virtude, conhecimento, não apego, poder, vício, ignorância, apego e ausência de poder ou fraqueza. Onde é que estas tendências subsistem? Vêm-se subsistir no instrumento – o intelecto é o instrumento. É aqui que elas subsistem. Isto foi explicado no Kariká XXIII – “intelecto é determinação, virtude e conhecimento, etc...”.

O efeito é o corpo, subsistindo nisso, aí está o embrião e o resto que foram referidos, nascido da mãe. Com a união do esperma e do óvulo, são produzidos o embrião e o resto, bolha (cavidades), pele, músculos, etc., que causa o crescimento do corpo; e o estado de infância, adolescência e

idoso que produzidos por causa dos sucos da comida e da bebida. Por isso se diz que subsistem no efeito e são causadas pelo gozo dos objectos como a comida e o resto.

Agora explica-se o que foi dito antes: Através da sua conexão com os meios e os resultados. – Kariká XLII.

XLIV

Dharmena gamanam ūrdhvam, gamanam adhistād bhavaty adharmena jñānena cāpavargo, viparyayād ishyate bandhaḥ.

Através da virtude acontece elevação e através do vício acontece o contrário. Através do conhecimento é adquirida a salvação ou libertação e através do contrário, da ignorância surge a escravidão

Pela virtude, a elevação. Um homem eleva-se através da instrumentalização da virtude. Eleva-se pelas 8 regiões de Brahman, Prajapati, Soma, Indra, Gandharvas, Yakshas, Raksahas, Pitacas. O corpo subtil move-se aqui. Para migrar para o corpo de animais, veados, pássaros, répteis e objectos imóveis, o instrumento é vício.

E mais uma vez, através do conhecimento, salvação é adquirida. Salvação é o conhecimento dos 25 princípios, tattvas. Através deste instrumento do conhecimento, salvação vem ao de cima. Então o corpo subtil cessa e o espírito é chamado espírito supremo.

Através do contrário o resultado é a escravidão. A ignorância é o instrumento. O efeito é a escravidão, chamada Prakṛta (inata), Vaikṛta (natural) e Dakṣina (pessoal) – isto será explicado mais tarde. Também é dito - Aquele que está preso à escravidão inata, natural ou pessoal, não é libertado por mais nada a não ser pelo conhecimento.

E também existem outros instrumentos:

XLV

Vairāgyāt prakṛtilayaḥ, saṁsāro bhavati rājasād rāgāt aishvaryād avighāto, viparyayāt tadviparyāsaḥ.

Através do não apego acontece a absorção na Natureza; através do apego apaixonado, acontece a migração; através do poder acontece desimpedimento e através do contrário (fraqueza) acontece o inverso.

Supondo que alguém está em poder da capacidade de não apego, mas não conhece os 25 princípios ou tattvas. Então através do não apego, precedido de ignorância, vem a absorção na natureza. Depois da morte, esta pessoa é absorvida nos 8 evolventes, natureza, intelecto, ego, e os 5 elementos subtis e não é libertada da rede de nascimentos. Migra de novo.

E mesmo em relação a Rajas (apego apaixonado), por exemplo, levo a cabo um sacrifício e faço oferendas para poder gozar felicidade divina e humana no céu e na terra... deste apego apaixonado, resulta migração.

E através do poder, desimpedimento. O poder é de 8 tipos e compreende 'anima' e o resto. Da instrumentalização do poder resulta desimpedimento, não existe nenhum obstáculo ao poder nas regiões de Brahman e resto.

E por fim, através do contrário, o inverso, o contrário do desimpedimento é o impedimento. Por conta da falta de poder, obstáculos surgem em todo o lado.

Assim 16 efeitos juntamente com os seus meios foram explicados. Agora a sua natureza é explicada:

XLVI

Esha pratyayasargo, viparyayâshaktitushṭisiddhyâkhyah gunavaishamyavimarshât, tasya ca bhedâs tu pañcâshat.

Isto é uma criação do intelecto e é distinguido como ignorância, incapacidade, contentamento e realização. Por conta do conflito entre as diferentes qualidades dos atributos, esta criação tem 50 variedades.

As 50 variedades agregadas (meios e efeitos), que foram explicadas antes, são uma criação do intelecto. Pratyaya representa o intelecto... Intelecto é determinação, virtude e conhecimento, etc. Karikâ 23.

Esta criação do intelecto é dividida em 4 classes: ignorância, incapacidade, contentamento e realização. Ignorância é dúvida como quando um homem vê um poste mas fica na dúvida se é um poste ou um homem. Incapacidade, como quando depois de analisar bem o poste não consegue eliminar a dúvida. Contentamento, como quando uma pessoa não quer saber ou não quer duvidar sobre o mesmo poste pensando o que é que vou fazer com isto. Realização, como quando uma pessoa com sentidos sensíveis vê o poste rodeado de uma trepadeira ou um pássaro e chega à conclusão que está em presença de um poste.

Assim, por conta do conflito entre as desigualdades dos atributos há 50 variedades desta criação do intelecto. Este conflito é provido das desigualdades de satva, rajás e tamas - disto advém as 50 variedades do intelecto. Algures sattva predomina e Rajas e Tamas são subordinados, algures Rajas predomina e algures tamas.

XLVII

Pañca viparyayabhedâ, bhavanty ashaktish ca karaṇavaikalyât asṭâvimśatibhedâ, tusṭir navadhâsṭadhâ siddhiḥ.

Cinco são as variedades da ignorância; Devido a defeitos nos órgãos há vinte e oito variedades de incapacidades; O contentamento é de nove tipos e as perfeições têm oito géneros.

As cinco variedades de ignorância são, Tamas (obscuridade), Moha (ilusão), Mahâmoha (extrema ilusão), Tâmisra (tristeza ou escuridão), Andkâtâmisra (tristeza ou escuridão extrema). As suas variedades vão ser agora explicadas.

Da incapacidade há vinte e oito variedades, devido a defeitos nos órgãos. Estes também serão explicados.

O contentamento é de nove tipos, a saber, os tipos de conhecimento caracterizados por rajas num asceta.

As perfeições são de oito tipos, a saber, os tipos de conhecimento caracterizados por sattva num asceta. Tudo isto será explicado por ordem.

Agora as variedades de ignorância são descritas.

XLVIII

Bheda tamaso ashtavidho, mohasya ca dashavidho mahâmohah tāmishro ashtādashadhā, tathā bhavaty andhatāmishro.

As variedades de obscuridade e ilusão são oito, extrema ilusão tem dez tipos, tristeza e escuridão extrema são de dezoito tipos.

A obscuridade é de oito tipos. A dissolução final é diferenciada pela ignorância. Um homem imerge nos oito evolventes, a saber: a natureza, o intelecto, o ego e os cinco elementos subtis. Quando imerso nestes, se ele pensa, “estou livre” isto é chamado de obscuridade.

As variedades da ilusão são de oito tipos. Os Deuses como Indra e os outros não obtêm a libertação por causa do seu apego ao poder de oito tipos. Mas depois da destruição destes poderes eles migram outra vez. Isto é a ilusão de oito tipos.

A extrema ilusão é de dez tipos. Som, tacto, forma, sabor e cheiro, estes cinco são os objectos de prazer para os Deuses. Estes cinco, o som e os outros, são objecto de prazer também para os homens. Assim a extrema ilusão chega a respeito destes dez.

A tristeza é de dezoito tipos. Os 8 grandes poderes e os dez objectos de gozo humano e divino. Eles perfazem dezoito. Quando as pessoas aprovam o seu incremento e desaprovam o seu decréscimo, alcançam os estados da tristeza de dezoito tipos.

De novo, como os poderes óctuplos e os dez objectos de gozo humano e divino, da mesma forma a tristeza extrema é também de dezoito tipos. Mas (a diferença é que) quando uma pessoa morre no momento de gozo dos abundantes prazeres sensuais ou cai dos poderes de oito tipos, então um profundo desgosto chega até ele. Isto é tristeza extrema. Assim as cinco variedades de ignorância, a saber, a ignorância e as outras, são muitíssimo divididas e perfazem as sessenta e duas variedades.

As variedades de incapacidades são explicadas:

XLIX

Ekādashendriyavadhā, saha buddhivadhair ashaktir upadishṭā saptadashadhā buddhir, viparyayās tushṭisiddhīnām.

Danos dos onze órgãos junto com os do intelecto são chamados incapacidades. Os dezassete danos do intelecto resultam da inversão do contentamento e das perfeições.

“ há vinte e oito variedades de incapacidades devido a danos nos órgãos”. Isto foi dito acima (Kár 47). *Os danos dos onze órgãos* são: surdez, cegueira, paralisia, perda do sabor, perda do cheiro, mudez, mutilação nos braços, mutilação nos pés, prisão de ventre, impotência e insanidade.

Junto com os do intelecto são chamadas de incapacidades. Junto com os danos do intelecto, as variedades de incapacidade são vinte e oito.

Dezassete são os danos do intelecto. Estes dezassete danos resultam da inversão do contentamento e das perfeições. As variedades de contentamento são nove e as das perfeições são oito. Junto com a inversão destas, os danos dos onze órgãos perfazem as incapacidades de vinte e oito tipos.

L

Âdhyâtmikâsh catasrah, prakrityupâdânakâlabhângâkhyâh bâhyâ vishayoparamâc, ca pañca nava tushṭayo abhimatâh.

O contentamento diz-se ser de nove tipos; quatro internos, a saber: Prakrti (natureza), upádâna (meios), Kâla (tempo) e Bhâgya (destino) e cinco externos, a saber: aqueles devido à aversão aos objectos dos sentidos.

Há quatro tipos de contentamento interno. A palavra adhyâtma significa residir no Eu. Eles são natureza, meios, tempo e destino. Agora, o que foi chamado de Natureza (é explicado): por exemplo, se um homem conhece a natureza e acerca de ele ter os atributos ou outros; se ele permanece satisfeito com o conhecimento que tem da natureza e dos seus efeitos, então ele não pode atingir a libertação. Isto é chamado contentamento com a natureza. Aquilo que é chamado os meios (é explicado: Quando um homem sem compreender os vinte e cinco princípios, procura os meios (de ascetismo) e pensa que a salvação é conseguida por usar uma vara tripla, um pote e vividikâ (outros objectos?) então ele também não obtém a libertação. Isto é chamado contentamento pelos meios. Agora o contentamento com o tempo (é explicado). (quando um homem pensa), bem, eu vou conseguir a salvação com o tempo. Qual é a necessidade de praticar (o conhecimento dos) princípios. Este contentamento é chamado contentamento com o tempo e tal pessoa não consegue a libertação. Similarmente, o contentamento com o destino é: Quando uma pessoa pensa que a salvação será conseguida pela sorte. Isto é contentamento com o destino. Assim este contentamento é de quatro tipos.

Os cinco externos devido à aversão aos objectos dos sentidos. O contentamento externo chega da aversão aos cinco objectos dos sentidos. Uma pessoa sente aversão ao som, toque, forma, sabor e cheiro, vendo que estes trazem prejuízos ao adquirir, proteger, estragar, apegar e danificar. Para a nossa prosperidade, devemos pastorear o gado, envolver-nos no comércio, aceitar ofertas e realizar serviços para outros. Estes são os males de adquirir. Há perturbação ao proteger os objectos adquiridos. As coisas tornam-se gastas pelo seu usufruto. Esta é a perturbação do estragar. Os sentidos não podem nunca cessar o seu apego aos prazeres dos sentidos. Este é o dano do apegar. Não pode haver gozo sem causar danos aos seres vivos. Este é o mal do danificar. Assim, aversão dos cinco objectos dos sentidos, resultante de ver os danos do adquirir e dos outros, é contentamento de cinco tipos (externos).

Assim há nove tipos de contentamento de acordo com variedades internas e externas. Por outras palavras eles são chamadas *Ambhas, Salila, Ogha, Vrshti, Sutamas, Pâra, Sunetra, Nârîka e Anattamâmbhasika*. Da inversão destes tipos de contentamento, constituindo as variedades de incapacidade, os danos do intelecto aparecem. Por esta inversão os danos do intelecto são chamados: *Anambhas, Asalila, Anogha, etc.*

Ūhah shabdo adhyayanam, duḥkhavighâtās trayam suhritprâptih dānam ca siddhayogo, siddhi pûrvo ankushas trividhah.

As oito perfeições são: o raciocínio correcto, a instrução oral, o estudo, a remoção dos três tipos de sofrimento (interno, externo e divino), as relações com amigos e a generosidade. Aqueles mencionados anteriormente (ignorância, incapacidade e contentamento) são os três tipos de entrave a estas perfeições.

Raciocínio: Alguém pode raciocinar diariamente: “Onde está a verdade aqui? Qual é o futuro? Qual é o maior bem? Fazendo o quê posso eu atingir o meu objectivo?” Enquanto ponderamos assim obtemos o conhecimento de que o espírito é totalmente distinto da natureza. O intelecto é bastante distinto. O ego é diferente. Os elementos subtis, os órgãos e os cinco elementos grosseiros são diferentes. Esse conhecimento dos princípios chega e é através deles que a salvação é conseguida. Esta é a primeira perfeição chamada raciocínio correcto.

Através do conhecimento obtido por instrução oral advém o conhecimento acerca da natureza, espírito, intelecto, ego, elementos subtis, os órgãos e os cinco elementos grosseiros. Então chega a salvação. Isto é a perfeição conhecida como instrução oral.

Através do estudo das escrituras como os Vedas e as outras, obtemos o conhecimento dos vinte e cinco princípios e depois a salvação. Este é a terceira perfeição.

A supressão tripla do sofrimento. De forma a destruir o sofrimento interno, externo e divino, quando uma pessoa se dirige a um professor, depois de obter instrução através dele, obtém a salvação. Isto constitui a quarta perfeição. Esta deve ser dividida em três partes, por causa dessa mesma divisão no sofrimento. Então, (elas perfazem) seis perfeições.

E relações com os amigos: por exemplo, uma pessoa obtém a salvação através do conhecimento obtido de um amigo. Esta é a sétima perfeição.

Generosidade. Por exemplo, uma pessoa ajuda um homem santo sendo oferecendo-lhe morada, medicamentos, varas triplas, taças, comida, roupa e outras coisas. Ele obtém conhecimento dessa generosidade e a salvação. Esta é a oitava perfeição.

Em outros tratados estas oito perfeições são chamadas: Tára, Sutára, Taratára, Pramoda, Pramudita, Pramodamána, Ramyaka e Sadápramudita. Os danos ao intelecto advindos da inversão destas (perfeições) são incluídos sob a designação de incapacidades. Elas são Atára, Asatára, Ataratára, etc.

As variedades de incapacidades foram mencionadas como sendo vinte e oito. Eles são os danos ao intelecto junto com os onze danos aos órgãos. Os danos ao intelecto são em número de dezassete, a saber: nove inversões do contentamento e oito inversões das perfeições. Junto com estas, os danos aos órgãos perfazem as vinte e oito variedades de incapacidades mencionadas anteriormente. Assim as variedades de ignorância, incapacidade, contentamento e perfeições, foram expostas e explicadas.

De novo, *aqueles mencionados anteriormente são os três tipos de entrave a estas perfeições.* Ignorância, incapacidade e contentamento, que vêm (mencionadas) antes das perfeições (Kár. 46), são o entrave e são tripartidas por causa de serem de três tipos. Tal como um elefante é parado por um homem com um espigão na mão, também as pessoas são travadas pela ignorância, incapacidade e contentamento sofrem de ignorância. Portanto, deixando isto de lado, as perfeições (somente) devem ser perseguidas. Uma pessoa que possui as perfeições, adquire conhecimento e a salvação.

Foi mencionado: “o corpo subtil é possuidor de disposições (Bháva) (Kár 40); As oito disposições, a saber, a virtude e as outras, que são as modificações do intelecto e que são outra vez modificadas com a ignorância, incapacidade, contentamento e perfeições, foram descritas. Esta é a criação do intelecto conhecida como “disposições”. “Linga” foi também mencionado como a criação dos elementos subtis finalizando com os catorze tipos de seres criados. Agora, quando o objectivo do espírito pode ser obtido por um tipo de criação somente, onde está a necessidade de dois tipos de criação? Isto é explicado:

LII

Na vinâ bhâvair lingam, na vinâ lingena bhâvenavinivrittih lingâkhyo bhâvâkhyas, (tasmâd dvividhah pravartate sargah).

Não pode haver Linga sem disposições, nem elaboração de disposições sem Linga. Portanto, advém daí a criação de dois tipos, a saber, a do Linga e a das disposições.

Sem disposições (a criação do intelecto) não pode haver Linga (a criação dos elementos subtis). Porque cada corpo sucessivo é adquirido pelas impressões das acções feitas em prévios nascimentos.

Sem Linga (a criação do intelecto) não pode haver elaboração de disposições. Porque a virtude e os outros podem ser adquiridos pela (formação de) corpos subtis e grosseiros. A dependência mútua destes dois, como a da semente e do broto, não é uma falha, porque a criação é sem começo. E embora as diferentes espécies tenham necessidade (de dependência mútua), os diferentes indivíduos não. Portanto, a criação de dois tipos, a saber, a do Linga e a das disposições.

E ainda:

LIII

Ashtavikalpo devas, tiryagyonish ca pañcadhâ bhavati mânushakash catvekauidhah, samâsato bhautikah sargah.

As classes divinas têm oito variedades, a sub-humana tem cinco e a humana uma (apenas). Esta é, de forma abreviada, a criação.

O divino é de oito variedades, a saber, Bráhma, Prajápatya, Saumya, Aindra, Gándharva, Yáksha, Rákshasa e Paisháca. Animais (em geral), veados (gamos e corças), aves, répteis e seres imóveis - esta são a divisão em cinco partes da (classe) sub-humana. Há apenas uma raça humana. Estas são as catorze variedades de seres vivos.

Ūrdhvam sattvavishâs, tamovishâlash ca mûlatah sargah madhye rajovishâlo, brahmâdih stambaparyantam.

Acima, há predominância de Sattva; Abaixo, a criação abunda em Tamas; No meio, Rajas predomina; (Isto é assim) desde Brahman até ao gado.

Acima, isto é, nas oito regiões dos Deuses, (a criação) é *sattvavishala*, isto é, tem prevalência de sattva; (em outras palavras) tem excessiva predominância de sattva. (claro), Rajas e Tamas também residem aí.

Abaixo, (a criação) abunda em Tamas. Dos animais até aos seres imóveis, a criação inteira é invadida por Tamas em excesso. (Claro), até aí existe Sattva e Rajas.

No meio, isto é, na criação humana, Rajas é forte. Até aí, Sattva e Tamas estão presentes. Portanto os seres humanos estão principalmente em sofrimento.

Assim *desde Brahman até ao gado*, isto é, de Brahman até aos seres imóveis. Assim, a criação não elemental, criação dos elementos subtis, criação das disposições, criação dos elementos grosseiros e do divino, criações sub-humana e humana, são as dezasseis variedades de criação produzida pela natureza.

Tatra jarâmaranakritam, duhkham prâpnoti cetanah purushah lingasyâ vinivrittes, tasmâd duhkham svabhâvena.

Aqui, o Purusha inteligente experiencia a dor da idade avançada e da morte, até à cessação do Linga; Assim o sofrimento é da natureza das coisas.

Aqui, isto é nos corpos divino, sub-humano e humano. A miséria produzida pela idade avançada e pela morte é experienciada pelo espírito inteligente e não pela natureza, ou pelo intelecto, ou pelo ego, ou pelos elementos subtis, ou pelos órgãos, ou pelos elementos grosseiros.

Agora, (o autor) discute - quanto tempo deve o espírito sofrer com a miséria? *Até à cessação do linga*. Enquanto Mahat e os outros, que se manifestam depois de entrar no corpo subtil, não cessam, isto é, enquanto este corpo migratório não cessar, assim o espírito experiencia dor devido à velhice e morte nos três mundos. *Até à cessação do linga* (significa), até que o corpo subtil tenha cessado de ser. Depois da obtenção da salvação não há miséria. Através de quê é que é removido o corpo subtil? Pela obtenção do conhecimento dos vinte e cinco princípios na forma de uma distinção entre a natureza e o espírito. Por este conhecimento, isto é - isto é a natureza, isto é o intelecto, isto é o ego, estes são os cinco elementos grosseiros, diferentes e distintos do que é o espírito – o corpo subtil cessa de ser e a salvação é obtida.

A seguir é explicado o propósito da actividade da natureza, ou esforço:

LVI

Ity esha praktikritau, mahadâdivishayabhûtaparyantah pratipurushavimokshârtham, svârtha iva parârtham ârambhah.

Assim, este esforço na actividade da natureza, começando em Mahat até aos elementos grosseiros, é para a libertação de cada espírito; (e embora) seja para benefício de outro (no entanto) parece que é para si próprio.

A frase *ity esah* (este mesmo), implica “acabar” e “terminar”. *Praktikrtau* significa, na instrumentalidade ou na actividade da natureza. Este esforço, *começando em Mahat até aos elementos grosseiros* – da natureza ao intelecto; do intelecto ao ego; do ego aos elementos subtis e aos onze órgãos; dos elementos subtis aos elementos grosseiros;

Este (é) para a libertação de cada espírito, isto é, para cada espírito que assumiu formas divinas, sub-humanas e humanas. Para a libertação destes espíritos é o esforço da natureza.

Como? – *(embora) este esforço seja para benefício de outros (no entanto) parece como se fosse para si próprio*. A natureza comporta-se como aquele homem que abandona o seu próprio negócio e executa o do seu amigo. O espírito de forma alguma faz algum bem à natureza em retribuição. É *como se fosse para si próprio*, não sendo verdadeiramente para si próprio, isto é, para benefício de outros. O benefício é a aquisição dos objectos dos sentidos como o som e o resto, e a compreensão da distinção entre os atributos (isto é, a natureza) e o espírito. O esforço da natureza é para este propósito. Em todos os três mundos, os Espíritos são fornecidos com os objectos dos sentidos como o som e os outros e no final (os espíritos são fornecidos) com salvação. Como foi dito: “A natureza é como um jarro e tendo cumprido o propósito do espírito, cessa”.

Pode ser argumentado que a natureza não é inteligente e o espírito é ignorante. Então, como pode a natureza agir como um princípio inteligente, pensando: “Eu devo fornecer o espírito com os objectos dos sentidos como o som e os outros nos três mundos e devo fornecer o espírito com libertação no final?” Verdade (replicamos nós). Porque actividade e cessação da actividade foram também observadas no caso de coisas não inteligentes. Portanto, diz o autor, (a natureza age):

LVII

Vatsavivridhdhinimittam, kshîrasya yathâ pravrittir ajñasya purushavimokshanimittam, tathâ pravrittiḥ pradhânasya.

Assim como o leite não é inteligente e funciona para alimentar o bezerro, também a natureza funciona para a libertação do espírito.

Tal como a gordura e afins consumidos pela vaca e transformados em leite alimentam o bezerro e depois de o alimentar, cessam, assim também a natureza (funciona) *para a libertação do espírito*. Assim, há actividade na (natureza) não inteligente.

LVIII

Autsukyanivritt^uartham, yathâ kriyâsu pravartate lokah purushavimokshârtham, pravartate tadvad avyaktam.

Assim como as pessoas se envolvem na acção para aliviar os desejos, assim também o imanifesto para a libertação do espírito.

Tal como as pessoas tendo um desejo favorito, *para aliviar esse desejo envolvem-se em acções*, isto é, a actividade na forma do ir e vir e depois da sua satisfação desistem, assim, *para a libertação do espírito*, a natureza cessa de funcionar depois de ter efectuado o propósito do espírito que é de dois tipos, a saber: um é o gozo dos objectos dos sentidos como o som e os outros; o outro, o conhecimento da distinção dos atributos, isto é, a natureza do espírito.

LIX

Rangasya darshayitvâ, nivartate nartakî yathâ nrityât purushasya tathâtmânâ, prakâshya vinivartate prakritih.

Tal como uma dançarina desiste de dançar depois de se mostrar à audiência, assim a natureza desiste depois de se mostrar ao espírito.

Tal como uma dançarina, tendo exibido a uma audiência por meio dos seus movimentos graciosos, que estão cheios de sentimentos de amor e afins, os episódios que estão numa determinada música em forma de canções, desiste de dançar depois de cumprido o seu trabalho, assim também faz a natureza, tendo-se exibido ao espírito nos seus diferentes carâcteres de intelecto, ego, elementos subtis e elementos grosseiros, desiste.

A seguir é explicado – Como e qual é a causa da cessação da (actividade) da natureza.

LX

Nânâvidhair upâyair, upakâriny anupakârinah pumsah gunavaty agunasya satas, tasyârtham apârthakam carati.

A natureza generosa, dotada dos atributos, sem nenhum benefício para si própria, causa por variados meios o benefício do espírito, que é vazio dos atributos e não confere nenhum benefício em troca.

Por variados meios a natureza beneficia o espírito e este não confere nenhum benefício em troca. De que forma beneficia a natureza? – Transformando-se a si própria nas formas divinas, sub-

humanas e humanas. Transformando-se a si própria em desejo, dor e ilusão e transformando-se a si própria nos objectos dos sentidos na forma de som e dos outros.

Desta forma, tendo-se exibido a si própria (ao espírito) de variadas formas – eu sou um; tu és outro - a natureza desiste. Assim, causa o benefício do espírito eterno sem nenhum benefício para si própria. Assim como uma pessoa generosa faz o bem a todos e não quer nada em troca, assim a natureza efectua o propósito do espírito sem obter nada em troca.

Foi dito acima (Kariká 59) – “A natureza desiste depois de se ter exibido a si própria”. A seguir é explicado o que é que ela faz depois de ter desistido.

LXI

Prakriteḥ sukumârataram, na kimcid astîti me matir bhavati yâ drishtâsmîti punar, na darshanam upaiti purushasya.

Nada, na minha opinião é mais modesto que a natureza que, por pensar “eu fui vista”, nunca mais se expõe à observação do espírito.

Neste mundo, *nada, na minha opinião é mais modesto que a natureza*. Dado que esta ideia, exposta acima, emerge para uma outra, (isto é, o espírito). Porquê? “*eu fui vista por este espírito*”. Pensando assim, a natureza *nunca se expõe à vista do espírito*, isto é, torna-se invisível para o espírito. Agora passamos a explicar as características de ser a mais modesta. Alguns advogam ser Deus a causa:

“O ser ignorante é desprotegido em relação ao seu prazer e dor. Ele vai para o inferno ou para o céu, impelido por Deus” (Mahabharata, III, 30, 88).

Outros que advogam a espontaneidade como causa dizem: “quem esbranquiçou os cisnes? Quem fez a variedade da cor dos pavões” a resposta é – Somente a espontaneidade.

Aqui os mestres do Sámkhya dizem a este respeito: Como podem os seres possuidores de atributos ser criados por Deus que é sem atributos? Ou, até mesmo pelo espírito sem atributos? Portanto (a causalidade) da natureza é própria. Assim como de fios brancos somente tecidos brancos são produzidos e de fios pretos apenas tecidos pretos, assim é inferido que os três mundos dotados com os três atributos procedem da natureza dotada dos três atributos. Deus é sem atributos: portanto a criação deste mundo dotado dos três atributos é ilógica para ele. Isto afasta também a possibilidade do espírito ser visto como a causa.

Alguns vêem o tempo como a causa. Foi dito: “o tempo transporta (literalmente “cozinha”) os seres; o tempo retira o mundo; O tempo está desperto enquanto os outros dormem; o tempo não é para ser ultrapassado.”

A isto respondemos – Existem somente três categorias a saber: o manifesto, o imanifesto e o conhecedor. O tempo também está incluído sob um deles. O tempo é manifesto. E como a natureza é a produtora de tudo, então deve ser a causa também do tempo. A espontaneidade também é incluída aqui. Portanto, nem a espontaneidade nem o tempo são a causa. A natureza sozinha é a causa e não há outra causa da natureza.

Nunca mais se expõe à observação do espírito. Portanto, na minha opinião, não há outra causa, como Ishvara e os outros, que possam ser mais modestos, mais agradáveis do que a natureza.

Mas se é alegado que é uma prática neste mundo dizer que o espírito é liberto, o espírito transmigra – a isto o autor replica:

LXII

Tasmân na badhyate addhâ, na mucyate nâpi samsarati kimcit samsarati badhyate mucyate ca nânâshrayâ prakritih.

Portanto, nenhum espírito é preso ou libertado. Nem nenhum transmigra. È a natureza, residindo em múltiplas formas, que transmigra, é presa ou liberta.

Por esta razão, o espírito não é preso ou liberto, nem transmigra; Porque, é somente a natureza, residindo em múltiplas forma, isto é, residindo nas formas divinas, humanas e sub-humanas, que é presa ou liberta, ou transmigra nas formas de intelecto, ego, elementos subtis, órgãos dos sentidos e elementos grosseiros.

Se o espírito é liberto espontaneamente e está em todo o lado, então porque é que ele transmigra? A transmigração tem o p+propósito de adquirir aquilo que não foi anteriormente obtido. Para isto a resposta é: As frases “O espírito está preso”; “O espírito é libertado”; “O espírito transmigra”, são usadas porque (a natureza da) transmigração não é (correctamente) compreendida (pelas pessoas). Discriminando entre o espírito e a natureza, o carácter real do espírito é manifestado. Depois da sua manifestação, o espírito torna-se isolado, liberto e estabelecido na sua própria natureza.

Bem, se o espírito não é preso, então também não é liberto. A isto respondemos: É a natureza sozinha que se prende ou liberta a ela própria. Porque, sempre que o corpo subtil, dotado com os elementos subtis e os três tipos de órgãos internos, existe, esse corpo é preso por uma ligação tripla. Como anteriormente foi dito: (Kâr. 44) – “Aquele que fica preso pelas ligações inatas, naturais e pessoais não é liberto por mais nada (excepto pelo conhecimento) ”.

E esse corpo subtil é dotado de virtude e vicio.

Como é que a natureza é presa, a natureza é libertada e a natureza transmigra? – É respondido: -

LXIII

Rûpaih saptabhir evam, badhnâty âtmânâ prakritih saiva ca purushasyârtham prati, vimocayaty ekarûpena.

A natureza ata-se a si própria através de sete formas somente; A mesma (natureza), para o propósito do Purusha, liberta-se a si própria através de uma forma.

Através de sete formas somente. Estas sete (formas) são: Virtude; Desapego; Poder; Vicio; Ignorância; Apego e Ausência de Poder. Estas são as sete formas da natureza. Através delas a natureza prende-se a si própria por si própria. A mesma natureza (pensando), que o propósito do Espírito deve ser levado acabo, liberta-se a si própria através de uma forma de conhecimento. Como é que esse conhecimento é produzido? (Responde-se):

LXIV

Evam tattvâbhyâsân, nâsmi na me nâham ity aparishesham aviparyayâd vishuddham, kevalam utpadyate jñânam.

Praticando os princípios, a saber: “Eu não sou, nada é meu, não existe Ego”. Assim, aparece o conhecimento completo, absoluto e puro, porque então não resta nenhuma dúvida.

Assim, da forma acima descrita, praticando a meditação nos vinte cinco princípios, a saber: “isto é Natureza; isto é espírito; estes são os cinco elementos subtis, os órgãos e os elementos grosseiros”, aí aparece este conhecimento no espírito: “Eu não sou, isto é, Eu não existo; Nada é meu, isto é, este corpo não é meu, porque eu sou uma coisa e o corpo é outra; não existe Ego, isto é, eu sou isento de ego cujo conhecimento seja completo.

Puro, porque não subsiste dúvida. *Viparyaya* significa dúvida. *Aviparayayât*, isto é, porque não subsiste nenhuma dúvida, esse conhecimento é puro. Absoluto, isto é, somente este (conhecimento) é a causa da salvação e mais nenhum. Aí aparece, isto é, é manifestado, o conhecimento, a saber, o conhecimento dos vinte e cinco princípios no Espírito.

O que é que faz o Espírito depois de obter este conhecimento?

LXV

Tena nivrittâprasavâm, arthavashât saptarûpavinivrittâh prakritim pashyati purushah, prekshakavad avasthitah svasthah.

Por este conhecimento, O Espírito, colocado como um espectador, percebe a Natureza que cessou de ser produtiva e, conseqüentemente, que agora retrocedeu das sete formas.

Por este conhecimento puro e absoluto, o Espírito percebe a natureza, *prekshakavat*, isto é, colocado como um espectador; como um espectador de uma peça percebe uma atriz a partir do seu lugar.

Que espécie de Natureza é percebida? A que *cessou de ser produtiva*, isto é, que cessou de produzir efeitos na forma de intelecto, ego e os outros. Conseqüentemente, que agora retrocedeu das sete formas. Porque agora completou ambos os propósitos (de gozo e libertação) do Espírito. O Espírito percebe a natureza que agora retrocedeu das sete formas – as sete formas de virtude e as outras através das quais a Natureza se cega a si própria.

LXVI

Drishtâ mayety upekshata, eko drishtâham ity uparatânyâ sati samyoge api tayoh, prayojanam nâsti sargasya.

Um (o Espírito) é indiferente como um espectador numa peça; Uma (a Natureza), desiste dizendo que eu já fui vista. Agora, apesar do seu contacto, não há motivo para criação.

Rangastha, etc., como um espectador numa peça, o Único, absoluto e puro Espírito é indiferente. “Eu fui vista por ele (o Espírito)”. A natureza, pensando assim, desiste. Ela que é a principal e única causa de todos os três mundos. Não há nenhuma segunda natureza porque, se existisse outra forma, então haveria uma variedade de géneros.

No entanto ambos, Espírito e natureza, desistem. Por causa da sua onnipresença existe contacto (entre os dois), no entanto não há criação resultante desse contacto. *Apesar do seu contacto*, isto é, por causa da onnipresença do Espírito e da Natureza, apesar de haver contacto entre eles, *não há motivo para criação*, porque a criação já serviu o seu propósito. Há dois motivos para a criação: um é a apreensão dos objectos dos sentidos, como o som e os outros, e outro é a apreensão de discriminação entre os atributos e o Espírito. Quando a criação já serviu ambos os propósitos, deixa de haver motivo para ela, isto é, para mais criação. Como o contacto entre o devedor e o credor é para receber o empréstimo e depois do pagamento da dívida, apesar do contacto entre eles, não há transacção monetária, da mesma forma o Espírito e a Natureza também têm o mesmo propósito (isto é, transacção).

Podemos perguntar-nos se depois da produção do conhecimento um homem obtém a salvação, então porque é que eu não a obtenho também? A isto é replicado:

LXVII

Samyagjñânâdhigamâd, dharmâdînâm akâranaprâptau tishthati samskâravashâc, cakrabhramivad dhritasharîrah.

Embora pela obtenção do conhecimento perfeito, a Virtude e os outros cessam de ser produtores, no entanto por causa das impressões passadas, o Espírito mantém-se investido com um corpo como a roda do oleiro no seu turbilhão.

Embora o conhecimento perfeito dos vinte e cinco princípios tenha sido obtido, no entanto, devido às impressões do passado (samskāra), o yogin mantém-se investido com um corpo. Como? *Como a roda do oleiro no seu turbilhão.* Como o oleiro, tendo colocado a sua roda em movimento faz o vaso colocando barro na roda. Depois de fazer o vaso ele abandona a roda mas a roda continua a rodar devido a uma impressão em si produzida no passado.

Assim, pela obtenção do conhecimento perfeito, isto é, no caso de um homem no qual o conhecimento perfeito foi produzido, a virtude e os outros cessam de ser produtoras. Quer dizer, estas sete formas de escravidão são queimadas (destruídas) pelo conhecimento perfeito. E assim como as sementes queimadas pelo fogo não podem germinar também estas formas de prisão, na forma de virtude e os outros, são incapazes (de escravidão). Quando a virtude e os outros

cessam de ser produtores, então, devido às impressões do passado, o Espírito continua investido com um corpo.

Porque é que o conhecimento não destrói a virtude e o vício do presente (nascimento)? Porque eles estão presentes. Claro que no próximo momento eles serão destruídos. O conhecimento destrói todas as ações futuras, assim como aquelas que são produzidas pelo presente corpo, através de prossecução em ações prescritas (pelas escrituras). Depois de as impressões do passado se terem exaurido o corpo perece resultando na salvação.

Qual é a natureza dessa salvação? Isso é agora explicado.

LXVIII

Prâpte sharîrabhede, caritârthatvât pradhânavinivrittau aikântikam âtyantikam, ubhayam kaivalyam âpnoti.

Depois de obter a separação do corpo e depois da cessação da Natureza, (o Espírito) adquire a salvação que é ao mesmo tempo certa e final (Kaivalya).

Devido à destruição de todos os impulsos gerados pela virtude e vício, *depois de obter a separação do corpo e depois da cessação da Natureza*, (o Espírito adquire a salvação); *Certa*, isto é, absoluto e *final*, isto é, salvação sem obstruções, libertação devido à unidade. O Espírito adquire ambas, certa e final.

LXIX

Purushârthamjñânâ idam, guhyam paramarshinâ samâkhyâtam sthityutpattipralayâc, cintyate yatra bhûtânâm.

Este conhecimento abstruso do propósito do Espírito, onde a existência, origem e dissolução dos seres é considerada, foi exposto pelo grande sábio Kapila.

O propósito do Espírito é salvação. Por esse propósito este conhecimento abstruso, isto é, secreto, foi exposto, isto é, completamente exposto pelo grande sábio Kapila. *Onde*, isto é, em cujo conhecimento, *são considerados*, isto é, discutidas a existência, origem e dissolução dos seres, o seu aparecimento e desaparecimento, isto é, os produtos da Natureza. Pela meditação nos quais aparece o conhecimento perfeito dos vinte e cinco princípios.

Sámkhya, a causa da libertação da transmigração, foi exposta pelo sábio Kapila. Nos quais há setenta versos e o comentário de Gaudapada.

LXX – KÁRIKÁ A

Etat pavitram agryam, munir âsuraye anukampayâ pradadau âsurir api pañcashikhâya tena bahulîkritam tantram.

Este sagrado e supremo conhecimento sábio, o sábio Kapila deu a Ásuri por compaixão. Ásuri também o deu a Pañcashikha, que elaborou a doutrina.

LXXI – KÁRIKÁ Á

Shishtaparamparayâgatam, îshvarakrishnena caitad âryâbhih samkshiptam âryamatinâ, samyag vijñâya siddhântam.

Partilhado por tradição de discípulos, isto foi sumariado em versos Árya por Ishvarakrshna de nobre mente, tendo compreendido completamente a verdade demonstrada.

LXXII – KÁRIKÁ I

Saptatyâm khalu ye arthâs, te arthâh kritsnasya shashtitantrasya vyâkhyâyikâvirahitâh, paravâdavivarjitâsh ceti.

Os tópicos destes setenta versos são os do inteiro Shastitantra; Eles não contêm histórias e também omitem discussões entre visões rivais.

LXXIII

Tasmât samâsadrishtam, shâstram idam nârthatash ca parihînam tantrasya brihanmûrter, darpanasankrântam iva bimbam.

Este Shastra (tratado), exposto de forma breve, não possui defeitos de propósito e é como um reflexo num espelho do vasto material da doutrina.